

# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

de

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO XIV - N.º 56



OUTUBRO 1951

RESERVADO PARA A



151, RUA DO SALITRE, 155  
TELEFONE 53173/4 \* LISBOA

# ATENÇÃO

A OUIVESARIA

**Miguel A. Fraga, L.<sup>da</sup>**

RUA DA PALMA, 26-28

Participa aos seus amigos e Clientes que já se encontra nas novas instalações, no

**PAVILHÃO DOS OURIVES**

Largo Martim Moniz, 18

onde continua a vender,  
**OURO, PRATA E JÓIAS**  
a baixos preços.

— Telefone 2 8503 —

# AMIGOS DE LISBOA

Para efectuarem os seus Seguros,  
preferam a conhecida Companhia

Inglesa

# LEGAL & GENERAL

com Sede em PORTUGAL na  
Avenida dos Aliados, 58  
PORTO

Em LISBOA

Rua do Alecrim, 38-2.º

**FOGO — ACIDENTES**  
**PESSOAIS — CRISTAIS**

# COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES



GRANDES E  
PEQUENAS  
QUANTIDADES



Livraria Garrett, 36

L I S B O A

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-63178  
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA

LÂMPARAS

**LUMIAR**

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL  
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES  
GERADORES

**ENAE**

*Fabrico nacional*

# AMIGOS DE LISBOA

## EDIÇÕES

	PREÇOS PARA os sócios	PARA o público
A cor de Lisboa .....	10\$00	12\$00
A Lisboa de ontem e de hoje, do sr. Rocha Martins, crítica .....	9\$00	10\$00
Noite de evocação do Leão de Ouro .....	9\$00	10\$00
«Olisipo» n.º 3/8, 12/14, 16/17, 20/21, 23/26 e 28/56 .....	8\$00	10\$00
Urbanização de Lisboa .....	4\$00	5\$00

### A. VIEIRA DA SILVA

A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças .....	9\$00	10\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa .....	9\$00	10\$00
Os Paços dos Duques de Bragança .....	9\$00	10\$00

### ALFREDO DA CUNHA

Olisipo, berço do periodismo português .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### ANTÓNIO R. DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão ...	9\$00	10\$00
Bagatelas do tempo vário .....	4\$00	5\$00
O Campo de Santa Clara .....	9\$00	10\$00
Ronda e Silva de Lisboa velha .....	4\$00	5\$00

### HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas .....	9\$00	10\$00
-------------------------------	-------	--------

### JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas no Torneio Real que se fez na Corte e cidade de Lisboa em 1795 ...	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### LUÍS MOITA

Ermida de Santo Amaro .....	9\$00	10\$00
-----------------------------	-------	--------

### LUÍS PASTOR DE MACEDO

Ascendentes de Camilo .....	13\$50	15\$00
-----------------------------	--------	--------

### LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no século XIX .....	4\$00	5\$00
--	-------	-------

### MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Igreja e o convento da Graça .....	9\$00	10\$00
--------------------------------------	-------	--------

### NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena monografia de S. Vicente .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

## CONSIGNAÇÕES

PREÇOS PARA os sócios o público

### AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca .....	18\$00	20\$00
-----------------------	--------	--------

### EDUARDO NEVES

Lisboa na Numismática e na Medalhística .....	13\$50	15\$00
Do Sítio do Intendente .....	10\$80	12\$00

### FERREIRA DE ANDRADE

Do Convento de Nossa Senhora de Jesus	36\$00	40\$00
Relação das casas foreiras .....	13\$50	15\$00
Senado da Câmara e a Guerra civil .....	27\$00	30\$00
Três touradas no Terreiro do Paço .....	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa .....	45\$00	50\$00

### J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos .....	6\$80	7\$50
-------------------------------	-------	-------

### GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital Militar de Belém .....	18\$00	20\$00
---	--------	--------

### GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João .....	4\$50	5\$00
Lisboa (comédia) .....	18\$00	20\$00

### HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e Sombras medievais .....	45\$00	50\$00
----------------------------------	--------	--------

### HUGO RAPOSO

Primeiro Circuito de Lisboa Moderna em Transporte Colectivo .....	9\$00	10\$00
---	-------	--------

### JOÃO PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols. cada	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa .....	13\$50	15\$00
-------------------------------	--------	--------

### JULIETA FERRÃO

Lisboa, 1870 .....	9\$00	10\$00
--------------------	-------	--------

### LUÍS PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina .....	6\$80	7\$50
A Rua das Canastras .....	7\$20	8\$00
Crítica, correcções e aditamentos .....	5\$40	6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé .....	6\$80	7\$50

### MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto .....	6\$80	7\$50
Problemas da habitação .....	31\$50	35\$00

### MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Do Sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém .....	45\$00	50\$00
--	--------	--------

### ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa .....	7\$20	8\$00
--	-------	-------

### ROQUE GAMEIRO

Lisboa Velha .....	162\$00	180\$00
--------------------	---------	---------

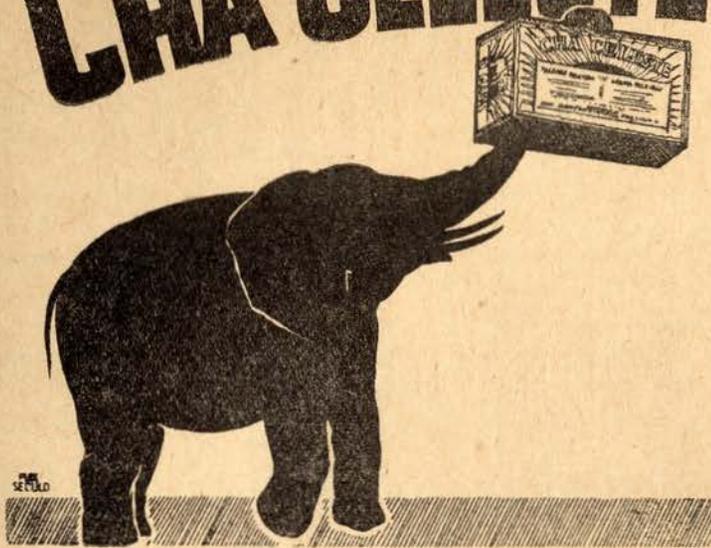
### RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava os problemas da edilícia cidadina .....	4\$50	5\$00
--	-------	-------

### RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para a Heráldica Tumular moderna olisiponense .....	45\$00	50\$00
---	--------	--------

# CHÁ CELESTE



## COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sede - Rua do Comércio, 85 - LISBOA

Sucursal - R. do Infante D. Henrique, 73 - PORTO

Serviço rápido de carga e passageiros para a África Ocidental, África Oriental e América do Norte

### FROTA DA C. N. N.

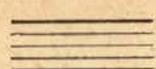
#### NAVIOS DE PASSAGEIROS

	Tons. dw.
«Angola» . . . . .	9.550
«Moçambique» . . . . .	9.423
«Niassa» . . . . .	9.630
«India» . . . . .	7.000
«Quansa» . . . . .	6.230
«Zambézia» . . . . .	1.857
«Lurio» . . . . .	1.505
«Luabo» . . . . .	1.475
«Timor» . . . . .	7.000

#### NAVIOS DE CARGA

	Tons. dw.
«Sofala» . . . . .	12.145
«Moçamedes» . . . . .	9.120
«Rovuma» . . . . .	9.100
«S. Tomé» . . . . .	9.050
«Nacala» . . . . .	3.370
«Angoche» . . . . .	1.200
«Tagus» . . . . .	1.680
«Save» . . . . .	em construção

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO



**PÉROLA DO ROCIO, L.<sup>DA</sup>**

ENVIO DE ENCOMENDAS

Para todo o País e Estrangeiro

**Rocio, 105-Lisboa**

Casa especializada em Chá,  
Café, Bolacha, Bombons  
e Chocolates

**Telefone 20744**

# A Companhia Colonial de Navegação

assegura com os seus paquetes  
e navios de carga carreiras regulares  
para a África Portuguesa, para o  
Brasil e para a América do Norte

LISBOA

R. de S. Julião, 63

PORTO

R. Infante D. Henrique, 9

**Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup>**

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO  
DESENHO

**T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 21368 21227**

Oferta

27. JUL. 1988

# LISBOA

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XIV

OUTUBRO DE 1951

NÚMERO 56

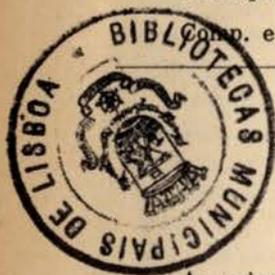
DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

*Edição e Propriedade do*

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

*Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711*

*Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155*



## SUMÁRIO

As origens da Igreja de S. Luís, Rei de França, por *Matos Sequeira*.

Notícia da proveniência da mais volumosa peça da «Baixela Germain»,

por *J. M. Corleiro de Sousa*.

A Bemposta (O Paço da Rainha), por *Luís Moita*.

A memória do consócio Prof. Doutor Pedro Roberto da Silva Chaves

(1887-1951), pelo *Dr. Raul de Carvalho*.

O Convento dos Barbadinhos Italianos, pelo *Doutor Eduardo Augusto*

*da Silva Neves*.

Regulamento do Prémio Municipal Júlio César Machado.

Feira da Ladra.

NA CAPA — *Palácio da Regência (Antigo Palácio dos Inquisidores)*

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*



# As origens da Igreja de S. Luís, Rei de França

por MATOS SEQUEIRA

O Juiz, Mordomo e Irmãos da Confraria do Bemaventurado São Luís, Rei de França, que fora, ao que parece, criada em 1552, e se achava instalada na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na freguesia de São Gião, logo, pouco depois, entraram a pensar em alojar-se em casa sua. As hospedagens davam descómodos e criavam atritos. Farejaram terrenos, mediram com os olhos vários chãos desocupados, e acertaram, finalmente, de topar com um que lhes sorriu, muito embora a vizinhança do antigo Curral dos Porcos, onde ainda se salgavam coiros e que estava feito em monturo, pusesse um «senão» na escolha. O preço era convinável, o senhor do domínio útil não ia fora de venda, e o local não ficava demasiado longe. Bastava sair as Portas de Santo António. Passavam-se umas atafonas e uns fornos de poial, deixava-se à direita o velho Curral, cercado de muro, onde os porcos tinham refocilado, e logo depois era o chão apetecido.

Diogo Brisan, que era o Juiz da Confraria, o João Serra, que era mercador no Poço do chão, e servia de Mordomo, como o lapidário Jean Baptiste que morava ao Canal de Flandres, o Procurador Jacques Dorliac, que pousava na Rua dos Fornos, o Escrivão, seu vizinho de rua, chamado Francisco Pascal, e o Tesoureiro Mestre Arnaud Cadot, sapateiro a São Gião, miraram e remiraram o terreno, estudaram o caso a fundo, em longos conciliábulos com os Irmãos António Ébise, o clérigo Guilherme Podiano, Alexandre Bensure, Jacques Le Valois e outros. E concertou-se o negócio.

Pedro Afonso, da Torre do Fato, e sua mulher Joana Fernandes, o casal saloio que emprazara o chão à Câmara, veio a acordo com a proposta dos Confrades de São Luís, e a venda fez-se por escritura, em 16 de Outubro de 1559. O olival, que era domínio directo do Senado da Câmara, emprazado com o foro de quinhentos réis pagos em dia de S. João Baptista cada ano, passou assim às mãos dos Confrades de

São Luís, mas isento de sisa e de quarentena, por mercê especial da Câmara, ficando o foro da parte não vendida a ser pago por eles. O preço foi de oitenta e cinco mil réis, cinquenta e cinco pagos logo em moedas de oiro de mil réis e em tostões de prata, e trinta para ser pagos debaixo da responsabilidade dos bens pessoais dos que intervieram no acto, até o dia de Páscoa do ano seguinte de 1560. A posse foi-lhes dada no dia 17 daquele mês de Outubro, e o Brisan e o Padre Podiano, pisaram bem o chão em todos os sentidos, passearam por ele, e apanharam a terra, a firmá-la, como era costume...

Enquanto o Escrivão da Câmara Mateus de Fontes, mandava assentar a verba desta venda, no Livro das Sisas das Herdades de Lisboa, os Confrades, rejubilando com o negócio feito e agradecidos ao Senado pelas dispensas feitas, deram-se imediatamente — é de prever — ao estudo da construção da «Hirmida e Igreja com sua Capela» que iria servir de sede à Confraria. Não consta dos documentos, donde se extrai esta nota, a quem foi cometida tal obra, nem era de esperar que constasse, dado que eles instruem tão-sòmente o negócio preliminar da aquisição do terreno. Em compensação, porém, dão informes seguros quanto a este e ajudam a formar a ideia de como seria o local em 1559.

O chão de Pedro Afonso, da Torre do Fato, ficava místico com o antigo Curral dos Porcos ocupado actualmente pelo Palácio Alverca, onde agora é a casa do Alentejo, alastrando para o Norte, onde ia entestar com a casa do cordoeiro Manuel Dias, substituída em 1951 pelo prédio onde, numa tabuleta do segundo andar, se lê, esta legenda comercial que os quinhentistas decerto não entenderiam: — «A Meia Eterna, Limitada». Pelo lado do Oriente ficavam umas terras em socalcos, que eram dos herdeiros de um Pedro Gil, foreiras à Sé, e pelo Poente, corria a Rua «que ia para o Curral», que foi depois de Santo Antão e agora é Eugénio dos Santos. A Igreja de São Luís lá está a marcar, melhor do que as confrontações da escritura, o local do olivedo do Pedro Afonso. Não era muito espaçoso o térreo comprado pelos Confrades, tanto mais que um projecto municipal o cerceava ainda com a supressão de uma faixa de quinze palmos, na parte do Sul, entre ele e o muro do velho Curral. Era para uma serventia da cidade que a Câmara ia abrir, para ligar a rua «que ia para o Curral» ou «que ia para a Anunciada», com os altos de Santana. Para este efeito apenas ali existia um carreiro particular que servia o olival de Pedro Afonso, e que desapareceu mais tarde com melhoramentos feitos no Convento da Encarnação. Foi essa nova serventia que deu princípio ao actual Beco de São Luís da Pena, primitivamente chamado «de São Luís, Rei de França».

O Padre João Baptista de Castro, no seu «Mapa de Portugal», diz-nos que, em 1580, os Confrades fizeram um concerto com o Cozinheiro-Mor Marcos Heitor, que morava na Caldeiraria, para este lhes fazer mercê de umas casas suas defronte do novo templo, ficando obri-

gados a, à parte outras cláusulas, lhe mandarem dizer, cada semanã, uma missa rezada por sua alma e pela da sua mulher. Esta nova aquisição foi (no dizer do autor) para se fazer o Adro, o que realmente não se entende satisfatòriamente, a não ser que a rua, hoje de Eugénio dos Santos, que limitava pelo Poente o prazo de Pedro Afonso, se tivesse deslocado, deixando para Nascente essas propriedades do Cozinheiro-Mor, ou que tivesse havido outro Adro, sem ser em frente da fachada do templo, desaparecido, em qualquer obra efectuada antes ou depois do terramoto. Neste segundo caso o «defronte» da referênciã do «Mappa de Portugal» seria erro do autor. Só em face do «Conserto» de 1580, se existe no Arquivo de São Luís, se poderá formar um juízo seguro.

O templo, dizem conhecidos documentos, começou a erigir-se em 1563. Só se acabou em 1572. Em 1622, sofreu importantes obras que lhe modificaram o aspecto, e, sobre o terremoto que o danificou, outras em 1766. Da fisionomia da «Hirmida», erecta pelos Confrades, nada resta, mas a sua lembrança vive na inscriçã latina que lhe condecora a portada, onde o escudo flordelizado marca a nacionalidade dos Confrades do Bemaventurado São Luís.

(Esta ligeira nota de olisipografia, foi feita sobre o corpo de documentos publicados no N.º 6 do sexto ano do «Bulletin Saint Louis des Français», órgão dos Confrades desta Igreja Lisboeta, agora sob a reitoria de Rev. F. de Saint-Palais d'Aussac).

## NOTÍCIA

DA PROVENIÊNCIA DA MAIS VOLUMOSA PEÇA DA

# «BAIXELA GERMAIN»

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

**E**NTRE os documentos referentes às pratas francesas da Corte de Portugal, que, por encargo da Academia Nacional das Belas-Artes, há anos procurei nos arquivos do Estado, e foram publicados por essa Academia, acha-se uma relação das peças que constituíam a «Baixela q̄ foi do duque de Aveiro», e pela confiscação dos bens do nobre supliciado foram encorporadas na baixela real.

Essa relação que está no livro AEM do curiosíssimo *Arquivo dos Extintos Paços Reais*, actualmente integrado no do Ministério das Finanças, confirma a tradição, negada por alguns escritores, de que o Rei D. José se apossara de tão notáveis obras de arte, e veio explicar por que se acham entre a chamada baixela Germain certas peças que não provêm da oficina do celebrado artista do Louvre, ou não constava que fizessem parte das encomendas régias.

Dos autos do sequestro mandado fazer aos bens do «q̄. foi Duque de Aveiro», existentes no Cartório da Inconfidência, verifica-se quais as pratas que lhe haviam pertencido, de algumas das quais não existia o menor indício de terem feito parte da sua opulenta baixela.

Está neste caso a que pelas suas dimensões — 0,728 de altura por 1,091 X 0,808 de base — ocupa lugar de destaque ao centro de uma das salas do Museu das Janelas Verdes.

Trata-se do enorme centro de mesa que até agora se tinha por encomendado pelo Rei D. José, «para servir de peça principal da baixela», como consta do *Catálogo-guia* do referido Museu, publicado em 1938, e do *Roteiro* do mesmo, publicado em 1949, afirmação naturalmente baseada no exame dos punções, e na data da legenda gravada por François-Thomas Germain, que não se sabia que tivesse trabalhado para o justicado de Belém.



Do bem organizado catálogo da «Exposição de Arte Francesa» realizada no Museu Nacional de Arte Antiga em 1934, transcrevo a minuciosa descrição desta peça:

«Centro de mesa de base oval com cercadura de lóbulos e folhas de acanto. Dos seis pés que o suportam, quatro são constituídos por pequenas tartarugas encastradas em volutas, das quais saem folhagens que acompanham a borda inferior; os outros dois são formados por simples volutas. Ao centro, sobre um pedestal sobrelevado, ergue-se uma urna cuja decoração em lóbulos, gomos e filetes moldurados, é ainda enriquecida com dois baixos-relevos representando: *Meleagro vencedor do javali* e *Atalante e Meleagro na caça*. Na tampa, três amores agrupados servem de remate à peça. O primeiro sustenta um feixe de setas, o segundo uma coroa, e o terceiro uma estrela. Os centros das margens laterais da base (que é constituída por campos inclinados e relevados em gomos) são ocupados por dois escudos emoldurados por trompas de caça e sobrepujados por coroas ducais. Entre estes escudos e os galgos pousados nas outras duas extremidades da base, a decoração é completada por moluscos, aves, animais, plantas e frutos. Troncos de vide com parras e cachos de uvas sobem da mesma base até à borda superior da urna e servem de suportes a seis bocais de velas».

«Um prato de grandes proporções decorado com volutas, flores e filetes moldurados, tendo ao centro ondas espraiadas, suporta toda esta composição».

Dos autos do sequestro reproduzo também a descrição, porventura mais ingénua, mas igualmente pormenorizada, deste *surtout*, como se lhe chamava, para confronto e sua identificação:

«...hum Sertum de meza de Prata com seu prato sobre ovado angreado, formado de varias comxas de marisco, lavrado de Rebaxos tarraxado em madeira, a qual peza sesenta e sete marcos. O dito sertum he formado de duas pesas primsipais: a de bacho he moldurada e lavrada com vários gomos de foscas e Rebaxos da qual saem varios ramos de parreira com seos caxos de uvas pendentes, e vão a formar seis arandellas para velas, as quais tem sobrepostos os bocais e pratinhos. Os quais ramos estão entestados á segunda peça semelhante a hũa terrina, com sua tigela dentro, e sua tampa sobre a qual estão tres Amjos, hum delles com hũa croa na mão e varios ramos de parra e uvas. Sobre a principal pesa estão dois galgos com toda a variedade de caça volatil e terrestre, varias frutas e ortalijas. Isto per bacho dos ramos de parra que formão as arandellas, e nos lados alguns estromentos e as Armas do sequestado, com coroa aberta por sima. Está asentada sobre seis pés, quatro deles formados de quatro cágados, e os dois são... e folhages».

«Todo o sobre dito está muy ao natural e obra muy mimoza, flamante, sem uzo algum. Peza juntamente com o prato, duzentos e oitenta e tres marcos, duas onças, e duas outavas».

Verifica-se pois, mais uma vez, não ser exacto que «do Duque de Aveiro ha apenas as 16 figuras de prata dourada», e que «se houve mais peças foram ha muito fundidas»; bem como são inconsistentes as afirmações que não se baseiam em documentos.

Ao meu Ex.<sup>mo</sup> amigo Dr. João Couto, actual Director do Museu Nacional de Arte Antiga, transmito esta notícia para que com a sua competência a aproveite e complete; e ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luís de Bivar de Sousa Leão Guerra, zeloso arquivista do Tribunal de Contas, agradeço a gentileza com que me facilitou a consulta dos documentos à sua guarda, proporcionando-me o achado dos interessantísimos autos do inventário e sequestro.

# A BEMPOSTA<sup>(\*)</sup>

## (O PAÇO DA RAINHA)

### I — O PALÁCIO

A CASA DO INFANTADO — O INFANTE D. FRANCISCO  
— D. JOÃO DA BEMPOSTA

por LUIS MOITA

CONFORME vimos, D. Catarina de Bragança fez o seu testamento em 14 de Fevereiro de 1699, quando ainda morava no Palácio dos Condes de Soure, ao Bairro Alto. Nele instituiu herdeiro de todos os seus bens a D. Pedro II. D. Pedro, por sua vez e andando ainda na Beira à frente dos seus exércitos, ocupado com a Guerra da Sucessão de Espanha, entra na cidade da Guarda a 19 de Setembro de 1704 e ali toma as suas disposições testamentárias; nelas faz doação ao Infante D. Francisco, seu filho, da Casa do Infantado.

Todos sabem que a Casa do Infantado, instituída por D. João IV e extinta com o advento do liberalismo em 1834, representava a fortuna dos filhos segundos dos Reis de Portugal. Esses filhos segundos, atendendo a que a lei dos morgadios os privava do usufruto da Sereníssima Casa de Bragança, viam assim garantida a sua independência, aliás acrescentada por muitos outros benefícios e mercês.

Morto D. Pedro II no ano de 1706, vítima dos achaques de que já padecia ao tempo em que falecera a Rainha da Grã-Bretanha, sua irmã, — D. João V sobe ao trono, onde se assenta com toda a pompa na tarde de 1 de Janeiro de 1707. Pouco tempo depois faz o novo Rei a seu irmão o Infante D. Francisco «entre outras mercês, a do Palácio da Bemposta na Cidade de Lisboa com a sua grande quinta e tudo o que pertencia ao mesmo Palácio com a sua capella, que El Rey seu pay havia dotado de rendas para manter os Capellaens della» (1).

Por aqui se vê que o Infante D. Francisco, de posse da Casa do Infantado, beneficiou ainda do usufruto do Palácio da Bemposta, que passou à mesma Casa do Infantado por doação de 14 de Julho de 1707.

---

(\*) O começo deste trabalho, em que foi tratada a história do Palácio até à morte de D. Catarina de Bragança, foi dado à estampa em «Olisipo», no seu número 40, de Outubro de 1947.

(1) D. António Caetano de Sousa, *Hist. Gen.* Tomo VIII 414 e seg.

Deste modo o paço que fora «da Rainha» inicia uma vida pacata, uma vida serena e sem pompa. Ao «filho segundo» corresponde uma vida «secundária», um pouco distante da corte, sem crónica e consequentemente sem interesse. Nada de extraordinário merece a honra de público apontamento. Apenas aí por Abril de 1725 a *Gazeta de Lisboa* dá notícia de que D. Maria Ana de Áustria, cunhada do Infante e Rainha de Portugal, fora vista, um desses dias, passeando nos jardins da Bemposta.

Do Infante D. Francisco nada consta imediatamente relacionado com este palácio, onde por vezes residiu, mas a que sempre preferiu Queluz. Adiante nos ocuparemos da sua acção na capela e no hospício da Carreira de Cavalos. Basta dizer, por agora, que nasceu a 23 de Maio de 1691; ainda não tinha dois anos era comendador da Ega, de Dornes e de Castelo Branco, comendas estas vagas, ao tempo, na Ordem de Cavalaria de Cristo. Aos três anos deu-lhe seu pai, de tença, 30.000 cruzados; aos cinco era Grão Prior do Crato, da Religião de Malta. Armado cavaleiro com seis anos incompletos, professou em Salvaterra quando ia atingir os 19 anos. Com oito anos recebe o sacrifício da crisma; com treze é atacado de bexigas e, a conselho dos médicos, toma o viático. D. António Caetano de Sousa, na sua *Hist. Gen.*, ob. cit., diz que «he o Sereníssimo Infante D. Francisco ornado de excellentes partes, dignas do seu Real nascimento». Mas Frei Cláudio da Conceição, no *Gabinete Histórico*, confessa que, quando moço, «obrou algumas travessuras», as mais delas induzidas pelos criados e não «tantas quantas se lhe atribuem».

Esta vaga referência, em guisa de passa-culpás, omite quanto de verdadeiro e de falso tem constituído acusação ao Infante D. Francisco, filho predilecto de D. Pedro II. Dele se conta, certamente sem visos de verdade, que ensaiava a sua pontaria, do Paço da Ribeira, despejando escopetas sobre marinheiros, empoleirados nas vergas dos navios surtos no Tejo.

D. Francisco morreu nas Caldas da Rainha, parece que duma indigestão de lagosta, em 21 de Julho de 1742, quando porventura ali fora buscar alívios a seus padecimentos. Deixou dois filhos naturais, havidos de D. Mariana de Sousa, um dos quais, D. João, foi reconhecido por seu tio, D. João V, por alvará de 26 de Maio de 1749, como filho legítimo daquele seu irmão. Este sobrinho do nosso *Rei-Sol* é o que ficou conhecido pelo nome de «D. João da Bemposta», talvez por ter ali nascido, talvez por ter ali passado a sua meninice e mesmo a adolescência. Ao contrário do que já vimos algures <sup>(1)</sup>, não é crível

---

(1) Vilhena Barbosa — *Palácio da Bemposta in Arquivo Pictoresco*, Vol. VI — pág. 13 e Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues — *Portugal Dic. Hist.*, Vol. II. B. C., pág. 290 e seg.

que D. João da Bemposta, — que recebeu de D. João V as maiores honras, já pelos cargos públicos de que foi investido, já pelas disposições protocolares que mereceu ao Rei nas solenidades do Paço — tenha habitado este palácio depois da morte de seu Pai. A Bemposta fora, como vimos, vinculada na Casa do Infantado. Por morte do Infante D. Francisco passou a mesma Casa, por sentença dos tribunais, à posse do filho segundo de D. João V, ou seja, do Infante D. Pedro, mais tarde D. Pedro III, marido de D. Maria I. Isto porque o Infante D. António, irmão de D. Francisco, disputou a D. Pedro o direito à posse da mesma Casa. D. João da Bemposta herdou todos os bens de seu Pai, *menos a Casa do Infantado*. Logo, deve ter saído daqui justamente quando o pai morreu ou pouco depois. D. João V, que muito estimara seu irmão, o Infante D. Francisco, envolveu sempre na mesma estima o filho deste, D. João da Bemposta. Nomeou-o Capitão General das Armadas Reais e Galeões de Alto Bordo, Mordomo-Mor e Conselheiro de Estado e Guerra. Por decreto de 21 e alvará de 23 de Fevereiro de 1750, ordenou El Rey que fosse tratado por todos como seu sobrinho e chamado «o Senhor D. João», sem outro apelido. Outro decreto, a 19 de Maio seguinte, ordena que D. João da Bemposta, nas funções em que se ajuntar a corte, preceda a todos os títulos ao tempo componentes da mesma corte. Senhor de uma grande casa, tratando-se com toda a pompa, foi D. João casado com a Marquesa de Abrantes, D. Maria Margarida de Melo e Lorena, que desposara em primeiras núpcias o 2.º Marquês de Abrantes. Dela não teve sucessão. Morava no sítio da Ajuda e aí morreu em 23 de Outubro de 1780. Foi enterrado no Convento da Madre de Deus.

#### O INFANTE D. PEDRO

COMO vemos, nenhuma notícia, ou pormenor, faz viver as paredes da Bemposta depois que D. Catarina de Bragança foi a enterrar. Movimentam-se as personagens numa grande independência do local, sem fazer participar o antigo «Paço da Rainha», de maneira famosa, no luxo, ou magnificência, de suas altíssimas figuras. Quer isto dizer, naturalmente, que, morta a Rainha, o paço deixou de ser moradia de privilégio, perdeu o seu significado real, uma vez que os palácios da Ribeira e da Ajuda atraíram, por sua doirada fulguração, os moradores da Bemposta.

E chegamos, assim, ao dia fatídico de 1 de Novembro de 1755 em que Lisboa, sacudida pelo horrível terramoto, viu pervertido tanto do seu património artístico e monumental. O Palácio da Bemposta sofre estragos apreciáveis <sup>(1)</sup>, e muitos mais, decerto, as casas que lhe ficavam na ilharga e cuja fábrica não tinha a solidez das suas paredes.

(1) Júlio de Castilho — *Lisboa Antiga*, 2.ª ed. 1937 — Vol. X — pág. 60.

Como tudo pertencia à Casa do Infantado é o respectivo architecto, Manuel Caetano de Sousa, quem cuida das necessárias reparações. Uma vez mais as «casas nobres» que haviam sido de D. Francisca Pereira Teles, viúva de Cantanheda de Moura, sofrem reparos e restaurações que vão salientar, mais ainda, a falta dum traçado original. Mas o architecto que, como iremos ver adiante, levantou na capela um edificio inteiramente novo, mais vasto e mais belo que o anterior, que o terramoto danificara, — aqui limitou-se, ao que parece, a ligeira reparação, porventura inacabada. O Infante D. Pedro, senhor da Casa do Infantado, andava, por esse tempo, todo occupado com a edificação de Queluz, onde residiu com a Princesa do Brasil, sua sobrinha e Mulher, depois de casado. É plausível que D. Pedro não necessitando da Bemposta, demais arruinada, se não importasse com ela. Duma ou doutra forma, a verdade é que este Palácio não dá sinal de vida durante os últimos quarenta anos do século XVIII. Apenas em 1798, ano VI da Revolução Francesa, surge de Paris uma notícia sobre o velho «Paço da Rainha». Vem no livro «Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne», de autor anónimo, mas que já foi attribuido a Joseph Barthélémy François Carrère. O que nesse volume se diz sobre a Bemposta confirma o estado de abandono do palácio, de que é eloquente sintoma o prolongado silêncio feito à sua volta. Ali se afirma que é um edificio muito ordinário, pior que a casa dum simples particular, desprezado, a cair em ruínas, habitado por gente duma classe muito inferior, e que, além do mais, é asilo de contrabando e de contrabandistas.

É por demais sabido que os estrangeiros, nos seus livros de viagens, vêem pouco e vêem mal. Com raras excepções atiram para a letra redonda muitos pormenores que lhes foram fornecidos por gente sem idoneidade para o fazer. É possível que nesta informação de 1798 haja exagêro. É provável também que o valhacouto de contrabandistas não fosse bem o palácio; mas sim as casas que lhe ficavam contíguas, no sentido do Cabeço de Bola e que, embora dentro do pátio ou terreiro da Bemposta, não haviam merecido restauro, exibindo assim uma nota de abandono, decadência e ruína, tanto mais para notar quanto é certo que nesse ano de 1798 a capela, como adiante veremos, completamente restaurada e decorada, fazia junto a tais ruínas, um flagrante contraste.

**A**TÉ que ultteriores investigações possam fazer-se na Torre do Tombo e nos Feitos Findos (Convento de St.<sup>a</sup> Joana), onde se encontram os livros de notas, tombos e registos vários da Casa do Infantado, é prudente não admitir a acentuada ruína do palácio pròpriamente dito, mas aceitar, como atrás digo, que tais ruínas respeitem as casas anexas, do lado do Cabeço de Bola. A fls. 24 do Tombo do Almojarifado da Bemposta se diz que, depois do terramoto, o palácio fora reedificado, conservando-se assim até 1802. Nesta data são-lhe introduzidas algumas benfeitorias e aumentos.

Presentem-se os primeiros contactos com o Príncipe do Brasil, D. João, futuro D. João VI, ao tempo já Regente do Reino. Quando tratarmos da capela, veremos como D. João, por esta época, deitou para ela um olhar enternecido e interessado.

Já então Príncipe Regente, cargo que exercia pela incapacidade mental da Rainha desde 10 de Março de 1792, D. João continuava habitando Queluz. Vivera a corte no palácio da Ajuda, depois de ter estado em Queluz, até 10 de Novembro de 1794, data em que o palácio é pasto das chamas. Até essa data as ordens, cartas régias, avisos, etc., tudo era datado da Ajuda. Todos esses documentos passam a referir-se a Queluz depois do incêndio daquele palácio, uma vez que a Família Real fora forçada a nova deslocação. A Bemposta não aparece nunca a datar tais documentos officiais.

Chegamos, porém, ao ano de 1803. O Almanaque para esse ano, sob a epígrafe de *Dias de tribunais e Audiencias*, diz textualmente que «o Príncipe Regente N. Senhor dá audiência geral às quintas-feiras pela manhã, e sendo feriado na terça antecedente, no Palácio da Bemposta; e nos sábados a dá particular aos fidalgos e Ministros, no Paço».

Castilho, encontrando a mesma referênciã para o ano de 1804, considera provável que o Príncipe D. João ali vivesse por aquela época. Parece-me que não podemos tal concluir, uma vez que, na local bem explicita, se faz referênciã a uma audiênciã geral na Bemposta e a outra particular, para fidalgos e Ministros, no Paço. Logo, o Paço não seria na Bemposta, mas em Queluz.

Em 1805 mantinha-se o mesmo hábito. Dele nos dá conta o almanaque desse ano, em cujo frontispício se vê uma gravura com o retrato do Príncipe Regente.

No ano seguinte dá-se a pública separação do Príncipe e da Princesa do Brasil. D. João vai para Mafra e D. Carlota Joaquina fica em Queluz. O facto vem ainda confirmar a convicção de que a Bemposta

não era, ao tempo, habitação dos Príncipes, pois se assim fosse natural seria que não saíssem os dois e que, ao menos, um outro, ali ficasse.



Eis-nos chegados à época calamitosa das Invasões francesas. A Bemposta, melhorada pelas bemfeitorias de 1802 e reconfortada no seu interior em consequência das visitas semanais do Príncipe D. João, a que venho de me referir, renovava outra vez a sua categoria, que fora perdida, de «paço real», sobretudo *agora que Lisboa não possuía nenhum*, dada a ruína do Palácio da Ajuda.

A Família Real transfere-se para o Reino do Brasil. Parte a 29 de Novembro de 1807. Mas embarcara já a 27 daquele mês. Neste mesmo dia é expedido pelo Ministério do Reino um aviso mandando aprontar o palácio da Bemposta para receber, a quem? A Junot! Mas este, chegado a Lisboa com a sua tropa farroupilha, quando ainda não haviam secado, nas faces populares, as lágrimas vertidas pela trágica saída da Corte, — recusa o palácio que a Regência lhe oferecia, talvez por achá-lo feio, como feia achara a Rainha, os Príncipes e tudo mais que por cá vira dois anos antes, quando aqui fora Embaixador de França. Se por essa recusa esta razão não colhe, outra seria a que o levou para o Palácio do Barão de Quintela, na Rua do Alecrim, talvez até o dinheiro do Mecenaz e a sua simpatia pelas teorias liberais, que os exércitos napoleónicos espalhavam ao tempo, de maneira tão curiosa, através de grande parte da Europa. O caso é que a Bemposta foi ocupada, sim, mas pelo General da 1.<sup>a</sup> Divisão, Delaborde.

Liquidada a primeira aventura dos galos de Napoleão, nenhuma das duas outras, que se lhe seguiram, vieram reflectir-se neste palácio. Ausente a Família Real, volta ele a adormecer, sem lhe ser feita qualquer referência durante os catorze anos em que a Corte Portuguesa esteve no Brasil.

O Príncipe Regente D. João, que antes da sua partida aqui dava as audiências gerais às quintas-feiras, volta à Metrópole Rei de Portugal. Chegado a Lisboa, vai para Queluz. Breve, porém, a Bemposta o recebe. Aqui manda ele introduzir novas benfeitorias no ano seguinte ao da chegada, em 1822. Em 1824 e 1825 continua o palácio em obras, obras de adaptação à moradia real; manda D. João VI acrescentar ao casarão vários quartos, por detrás da capela e para os lados do jardim.

A Bemposta toma, desta feita, a fisionomia do Rei que a habitou. Desengraçada, triste, ausente dum motivo de beleza, tudo nela exprime, afinal, uma sucessiva adaptação, por cópia, da Real Majestade de D. João VI, que sempre se adaptou também à vida dos outros, à

vontade dos outros. Nunca este palácio foi cenário de dias grandes, compensadores, felizes. O exterior não deixara sossegar o Rei e este, retirado na Bemposta, nem aqui conseguia a apetezida calma. A tristeza da moradia desenxabida, como que solicitava a dor e a desgraça do Rei...

Aqui decorreram cenas, durante a *vilafrancada*, sobretudo durante e depois da *abrilada*, que merecem uma referência e uma anotação à parte <sup>(1)</sup>. Todo esse tumultuar vivíssimo de paixões, que dão o quilate da desgraça e do abatimento profundo de Portugal numa época em que se desfazia o nosso mundo antigo, — tudo isso será o objecto duma dissecção posterior. As cenas desses dois movimentos, onde se evidenciou a figura moça e irrequieta, por vezes violenta, mas generosa, do Infante D. Miguel, requerem traço mais largo, suscitam o quadro das lutas políticas e sociais iniciadas nos fins do século XVIII e cujos efeitos vieram esbater-se já dentro de nossos dias. Os dois pormenores históricos, bem importantes, exigem que o pincel e as tintas alarguem as dimensões do quadro, que nos longes da perspectiva se movam figuras e factos menores, antecedentes e consequentes dos episódios onde a Bemposta teve mais ou menos larga participação. Em virtude deste propósito, os factos decorridos são apontados apenas em extensão, reservando-se para depois o comentá-los em profundidade.



Num dos quartos que mandara fazer pouco tempo antes nas tra-seiras do palácio e da capela, morre D. João VI, «oficialmente», a 10 de Março de 1826. Esse quarto, que ainda conserva, no tecto em ruína, a decoração da época, é hoje o arquivo da Escola Militar. O acesso ao compartimento que foi câmara real e que não tem a menor nobreza, faz-se por vulgaríssima escada, cuja planta, se é que a teve, seria rejeitada por qualquer comerciante da época, não muito endinheirado. A morte de D. João VI é também assunto para uma dissertação posterior, circunstanciada. Por agora diremos que, passados os primeiros dias de nojo das Infantas, que viviam com o Rei, foram elas para o palácio da Ajuda, já bastante adiantado. A Bemposta fica então votada a um abandono desolador. Nos seus salões e quartos passa um lúgubre e confrangedor silêncio. Dir-se-ia que de todos fora esquecida a figura desgraçada de D. João VI, — o verdadeiro «D. João da Bemposta»... Esse homem, que julgara fazer a felicidade dos seus súbditos submetendo-se, pachorrento, às mil e uma vontades que à sua volta se erguiam, audaciosas, porque ele, o rei desgraçado, não era capaz de as dominar, — esse homem morrera aliviando todos da sua presença incómoda. Passou a ser, com satisfação geral, «o nosso muito

---

(1) A Bemposta — II Parte — *As Sombras da Bemposta* — (Em estudo).

amado Rei D. João VI que jaz em glória». Saído da Bemposta para o Panteão de S. Vicente, logo os olhos dos seus súbditos fiéis, do formigueiro político, se viraram para o outro hemisfério, em busca dum apoio que o desgraçado rei nunca lhes dera totalmente... Morto o seu Senhor, esquecido o seu Senhor, ausente D. Miguel, a Bemposta perde, definitivamente, o seu significado de palácio real... O povo, esquecido também do rei infeliz, passará a chamar a este casarão, como antigamente, o «Paço da Rainha»... O silêncio, fechando as portas a todo um tumultuar de cenas que durara pouco mais de quatro anos, dá à Bemposta o ar sereno e terrível dum cadáver... Este palácio morreu com D. João VI... O que vem depois é um ou outro acidente esporádico, um apontamento isolado, sem vigor e sem interesse. D. Miguel, regressado de Viena em 1828, dá aqui audiências públicas, como seu Pai as dera, em 1805... Mais nada... Depois, quando o Duque da Terceira, o antigo Conde Vila Flor, tomou Lisboa, em 24 de Julho de 1833, D. Pedro vem aqui instalar-se, a 28, e aqui fica até Setembro, data em que passa para as Necessidades.

#### A BEMPOSTA, DEPOIS DO LIBERALISMO

**S**EGUE-SE o desmanchar da feira... Com o liberalismo triunfante desarticula-se todo o cenário antigo da Bemposta. É abolida, em 1834, a Casa do Infantado, e os seus bens incorporados na Coroa. O cadáver da Bemposta continua jacente, à espera... Desmancharam-se outros cenários, numa ânsia iconoclasta e simplificadora, na fúria das reformas, no prazer feroz de escangalhar. Do Ramalhão vêm para aqui, em 201 lotes, todos os quadros constitutivos do espólio de D. Carlota Joaquina. Passa-se isto a 20 de Dezembro de 1843. Intervém na avaliação desse espólio o lente de pintura histórica António Manuel da Fonseca e o pintor restaurador de quadros Luís Tirinanzi. No ano seguinte o Conde Rackzinski dá notícia de ter percorrido, na Bemposta, a copiosa galeria. Em 1847-48 levantava-se polémica, na «Revista Universal Lisbonense», entre o citado Luís Tirinanzi e o redactor da mesma revista, José Ribeiro de Sá. O motivo do despique era a possível saída dos quadros para o estrangeiro, pois que, por esse tempo, estavam eles à venda ali, com a designação de «Os quadros da Bemposta». Entretanto o Duque de Saldanha, Ministro do Reino, prometia na Câmara dos Pares que não deixaria sair do país nenhuma daquelas obras de arte. Não se sabe se cumpriu a promessa e se evitou a sonegação imediata. Mas já o facto da polémica na «Revista Universal Lisbonense» e ainda a discussão do destino dos quadros no anfiteatro da Câmara dos Pares, deixam compreender que os corvos pairavam de alto sobre esses, como tantos outros, valores do Património Artístico Português.

O crítico de arte sr. Luís Reis Santos, actual Director do Museu Machado de Castro, em oportuna comunicação <sup>(1)</sup>, afirma ter encontrado dispersas no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu Municipal do Porto as peças componentes dum tríptico no estilo dos «maneiristas» de Antuérpia. O estudo e a comparação das peças elementares desse tríptico cujo centro representa a «Adoração dos Magos» e cujas abas expressam o «Natal» e a «Apresentação do Menino Jesus no Templo», — levou aquele estudioso crítico à convicção, e descoberta, de tudo constituir uma unidade pictural. As tábuas do centro já figuravam no catálogo do Museu das Janelas Verdes de 1889, e as das abas no do Museu Allen, antecessor do Museu Municipal do Porto, de 1853.

Este tríptico pertenceu à galeria da Imperatriz-Rainha D. Carlota Joaquina. Fez parte, conseqüentemente, dos chamados «Quadros da Bemposta», a que venho de me referir. A sua hoje comprovada desarticulação demonstra à evidência os tratos de polé suportados pela riqueza pictoral do nosso país. Vendido pelo Estado e comprado depois pelo mesmo Estado, é evidente que o tríptico que o sr. Luís Reis Santos agora descobriu, foi dar um passeio a mãos particulares não apenas para se fragmentar...



Mas regressemos ao Palácio da Bemposta. Em 1849 entra de falar-se em lhe dar, bem como aos seus anexos, destino definitivo. Por decreto de D. Maria II de 9 de Dezembro de 1850 é ali estabelecida a Escola do Exército, que ainda lá está.

A Escola do Exército foi a sucessora da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, cuja instalação estivera no Palácio da Regência, no Rossio, onde é hoje o Teatro Nacional, dali transitara para o do Duque de Palmela, ao Calhariz, depois para o Colégio dos Nobres, à Patriarcal, aonde estava quando o edifício ardeu em 23 de Abril de 1843. Passou a seguir ao antigo convento de Rilhafoles, logo para um palacete às Chagas, no Pátio do Pimenta, daí para a Calçada de Santo António dos Capuchos, ao Palácio do Conde de Murça. Então se transformou a velha Academia na Escola do Exército, sendo transferida para a Bemposta.

Júlio de Castilho lembra-se de ali ter entrado, em 1857. É muito vaga e porventura falível, diz, a sua recordação. Mas ainda viu os «enormes salões forrados de damasco», restos do antigo paço.

---

(1) *Diário de Notícias* n.º 26.077, de 11-9-1938.

Instalada ali a Escola do Exército, de que foi o primeiro director o Marquês de Sá da Bandeira, volta o palácio da Bemposta a ser submetido a várias obras de adaptação que seria fastidioso enumerar. À parte as salas que conservam, nos panos de azulejos do século XVII, um vestígio do «Paço da Rainha», nenhuma outra dependência tem interesse de maior, a não ser a sala da Biblioteca, reconstruída pelo então major de engenharia, professor da Escola e oficial às ordens de S. Magestade El-Rei D. Carlos I, António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto. A Escola do Exército em 1899, por testemunho de gratidão, colocou naquela sala o seu retrato, que vemos ladeado por duas magníficas gravuras, uma representando o Tenente General Lord Beresford, Marquês de Campo Maior e outra o Marechal de Campo, Lord Wellington, Marquês do Douro.

A sala da Biblioteca é recheada de armários de vidrinhos, seis pequenos e dois grandes, feitos ao gosto do tempo de D. Maria I. É voz terem esses armários pertencido à Casa do Infantado. Três grandes armários, decorados com ligeira talha dourada e de caixilhos avivados a vermelho, mobilam a mesma curiosa sala, servindo, como os outros, de livraria. Estes vieram da sacristia para ali quando a actual sala, a que correspondiam na antiga planta quatro compartimentos, foi reconstruída.

A biblioteca, que hoje conta para cima de 72.000 volumes, iniciou-se, depois de 1839, como tantas outras bibliotecas públicas e particulares: com a «roupa» dos frades. Os conventos davam para tudo. O General Marquês de Sá da Bandeira, figura venerável, legou à Escola Militar todos os seus livros, atitude em que foi seguido por outros beneméritos.

Até 1899 a sua instalação correspondia a quatro pequenos quartos que nesse ano se transformaram na sala actual, — a única interessante de todo o velho palácio. É mais uma adaptação da Bemposta.

Na sala do Conselho, vulgaríssima, há de interesse, apenas, a galeria dos retratos dos directores da Escola do Exército desde a sua fundação. Estão eles dispostos em ordem cronológica, começando pelo do Marquês de Sá da Bandeira.



No átrio do edifício (que perante a ordem cronológica seguida na descrição do palácio é dos seus valores mais modernos), há que admirar os azulejos de Jorge Colaço. Outra obra isolada da Bemposta. É de presumir que o antigo átrio tenha sido revestido pelos azulejos que

andam hoje espalhados na cerca e que, sem serem de grande valor, eram, ao menos, um espécime curioso dos fins do séc. XVII.

Os dois portões do palácio, segundo se infere do paciente Gomes de Brito, foram rebaixados e reparados em 1862. Note-se ainda que sobre os escudos em lisonja, colocados nos frontões interrompidos das duas portas de entrada, existiam coroas reais que foram apeadas em 1910.

# À MEMORIA

DO CONSÓCIO

PROF. DOUTOR PEDRO ROBERTO DA SILVA CHAVES

(1887-1951)

*Pelo Dr. RAUL DE CARVALHO*

**E** RAMOS quarenta e um alunos no curso médico de 1908-1913. Todos unidos do primeiro ao último ano, fomos sempre amigos sinceros, quase irmãos.

Eram assim as gerações de então; todos por um, um por todos. Solidariedade verdadeira a dos tempos idos em que a quase homogeneidade de ideais conduzia automaticamente à uniformidade de feitos e a um tempo altruísmo e dedicação sinceras.

Fosse lá alguém apoucar um deles que logo os restantes o defenderiam com a espontaneidade de um irmão querido e com a violência de um amigo verdadeiro.

Certo dia um professor de clínica, durante uma aula, tratou menos cortêsmente o assistente que o ajudava e o curso todo voltou costas e saiu sem dizer palavra. E esse professor era uma «fera».

Um belo dia próximo das férias grandes combinou-se deixar crescer as barbas e quando voltámos a encontrar-nos em Outubro, somente as não tinham os que, por doença ou outro motivo justificado, não puderam cumprir a promessa.

E que caras nós trazíamos! Santo Deus!

Cumprida a promessa, com o decorrer do tempo, cada qual eliminou ou manteve a pelagem, como lhe aprouve. João Lourenço Castelo Branco, José Sabino Pereira, António Anastácio Gonçalves, Jaime Ramos Moreira e o autor destas linhas foram dos mais conservadores, se bem que nem todos hoje o possam provar.

A palavra nesse tempo tinha valor, apesar de ser palavra de rapazes.

Entrámos para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1908 numa época em que a mocidade estudantil, atordoada pela propaganda

revolucionária, era cem por cento republicana (sempre contrária ao que lhe mandavam, sempre na oposição ao que existia, como era próprio do espírito noviço e à insatisfação da mocidade sonhadora).

Cada um de nós escolhera uma carreira não à tã mas pensadamente, e em grande parte se deverão a esse facto os positivos resultados obtidos nesse curso e o relativamente elevado número de elementos docentes e de bons profissionais nascidos do curso médico de 1908-1913.

Unidos no espírito e no trabalho (e tão unidos que raros ficaram para trás) formámos uma geração estudantil que um Mestre notável apodou de «*o Seu curso*» e de «*os Seus rapazes*». E, diga-se de passagem, que em anos anteriores nunca disse nada semelhante, se bem que nesses cursos houvesse gente da maior valia.

É que o nosso curso por ser homogéneo no sentir, tanto na brandura como na violência, agradou mais ao Mestre.

Talvez que esse Mestre, felizmente ainda vivo, possuisse ele próprio um temperamento análogo ao nosso.

Eramos assim em 1908 e assim nos conservámos até 1913, data em que cada qual passou, como átomo libertado, a fazer parte de novas moléculas, algures.

Pedro Roberto da Silva Chaves, nascido em 11 de Junho de 1887, era em 1908 um aluno, senão muito distinto, convenientemente aplicado; talvez porque dificuldades de vida o tivessem levado a exercer cedo o professorado livre liceal, sentia as suas responsabilidades divididas entre os seus discípulos e os seus deveres de estudante.

O seu porte distinto e apurado era um tanto grave e o seu sorriso sóbrio, embora se tratasse dum rapaz de 21 anos. Nunca o conhecemos tão vivo e loquaz como, quando já assistente, preleccionava aos seus alunos de Histologia; nos primeiros anos dir-se-ia preocupado. O seu olhar que lhe dava personalidade. Através destas linhas gerais adivi- Estou a vê-lo hirto, correcto, vestido cuidadosamente, colarinho gomado, gravata branca e quase sempre uma flor na lapela. Era o único que usava óculos e esse pormenor imprimia-lhe certa gravidade ao olhar que lhe dava personalidade. Através destas linhas gerais adivinhava-se um carácter decidido, um temperamento calmo e ponderado, uma vontade firme e teimosa.

E o tempo confirmou tudo isto nos seus quase 64 anos de vida.

Quando mataram o professor Miguel Bombarda e rebentou a revolução republicana de 1910 estávamos no final do nosso 2.º ano de medicina, eu com certo treino de química havido em laboratórios do

Estado, ele com certo treino de histologia orientado pelo Doutor Henrique Parreira, então ainda assistente de Anatomia Patológica.

Quis o destino que ainda estudantes nos aproximássemos diàriamente no trabalho extra-escolar. Convidados para exercermos funções de auxiliares do ensino, tornámo-nos vizinhos durante largos anos: Roberto Chaves no laboratório de Histologia dirigido pelo nosso Amigo e grande Mestre Augusto Pires Celestino da Costa, nós no laboratório de Fisiologia dirigido pelo chorado e querido Amigo Marck Athias.

Pertencemos aos pioneiros da nova Escola Médico-Cirúrgica, que a partir de 1911 se passou a chamar Faculdade de Medicina por ordem do governo provisório da Nação. Nós, Amadeu de Almeida Rocha, Alberto Amado, Fernando Basso Marques e poucos mais fomos os primeiros a pisar os ladrilhos das casas do rés-do-chão, que seriam transformadas em laboratórios poucos meses depois da nossa entrada, sob a sábia direcção de Marck Athias, Celestino da Costa, Silvío Rebelo Alves, Henrique Parreira e Francisco Gentil.

Estudantes e semestres, lá fomos simultâneamente aprendendo e ensinando as gerações de 1910-1911 até 1913 em que, libertados da obrigação de estudantes, por termos terminado o curso, continuámos a ser vizinhos como assistentes dos então Institutos de Histologia e de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Pedro Roberto Chaves mostrou ser desde o início um trabalhador honesto e consciencioso, muito estimado não só pelo Prof. Celestino da Costa, como por todos os seus colegas e colaboradores. Apenas os estudantes lhe achavam defeito: era «fera», exigente, como é costume dizerem dos Mestres que ensinam para ensinar e não para ganhar dinheiro como professores. Roberto Chaves era «fera» porque o seu saber era sério, a sua observação cuidada, a sua atenção persistente, e estas qualidades tornam um professor exigente como facilmente se deduz.

Pois se ele próprio tinha sido sério no seu modo de estudar e de se instruir, como não deveria ele exigir dos seus discípulos a mesma dose de atenção, de observação e de saber!?

Estas qualidades de temperamento, manifestadas quando da sua livre-assistência no curso de Histologia e Embriologia em 1910-1911, valeram-lhe a nomeação de 1.º assistente provisório, dada em 8-12-1911 e a de primeiro assistente contratado em 15-10-1918, data em que lhe foi confiado o encargo da regência do curso do 1.º ano de Histologia (1918-1919).

Veio a Guerra de 1914-1918 e afastámo-nos; deixámos de ser vizinhos, e quando voltei de França o meu pouso oficial no Hospital Mi-

litar de Campolide e no Hospital Escolar de Santa Marta, não permitiu que continuássemos mantendo o mesmo contacto de outrora.

A amizade que se gera durante os anos de uma formatura nunca mais esquece, e assim, embora afastados, todos sentíamos a saudade dos antigos tempos em que, sujeitos aos mesmos perigos e sensações, às mesmas obrigações e estímulos, vivemos os melhores tempos da nossa existência sem nos apercebermos de tal.

Roberto Chaves lá estava no seu Instituto de Histologia, já doutorado (1916) e já Professor Agregado da Faculdade, a ensinar praticamente as novas gerações e a produzir trabalhos de investigação científica nos campos da Citologia, da Histologia e da Físio-Patologia.

O pâncreas, o rim, o fígado, o sangue e a medula óssea, prenderam largamente a sua atenção de histologista, e os trabalhos que assinou dignificaram o investigador e o Instituto onde trabalhou.

A par desta faceta científica Pedro Roberto Chaves possuía um acendrado sentimento artístico; um sem-número de factos assim o mostraram. Desde a filatelia à imprensa e encadernação artística, o seu sentimento impressionável deixou-se arrastar muitas vezes para além do que deveria ser.

Pedro Roberto Chaves colaborou em numerosos trabalhos com cientistas de renome, tais como: Celestino da Costa, Azevedo Neves, Henrique Parreira, Luís Dias Amado, etc., tendo exercido a profissão de analista clínico a partir de certa data, quer no Hospital de D. Estefânia, quer no de Arroios, quer no seu Laboratório particular.

Além da sua obra científica, que poderá ler-se em extrato nas notas biográficas publicadas, na «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*» a pág. 642 do vol. VI, pelo seu amigo e colaborador Dr. Luís Dias Amado, há a registar o seu interesse por assuntos pedagógicos e sobre Lisboa e os lisboetas.

Também o interessou a nossa querida Lisboa, os seus encantos, os seus defeitos, as suas necessidades. Por tal se fez «*Amigo de Lisboa*», honrando-nos com a sua inscrição.

E é lembrando esse interesse que nos atrevemos a escrever estas linhas que modestamente pretendem traduzir a homenagem do «Grupo» e a saudade do condiscípulo e amigo.

# O CONVENTO DOS BARBADINHOS ITALIANOS

Conferência realizada no local em 8 de Abril de 1951

*pelo DOUTOR EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES*

REVERENDO PRIOR,  
MINHAS SENHORAS E  
MEUS SENHORES:

**S**ERÃO para o nosso ilustre consócio e nosso prezado Amigo, o reverendo Padre José dos Anjos Gaspar Borges, mui digno Prior da Freguesia de Santa Engrácia, as minhas primeiras palavras de cumprimento e agradecimento, este bem sincero e profundo, não só pelo acolhimento e facilidades hoje novamente concedidas, como principalmente por permitir que na sua Igreja, eu fale do seu lugar, o que tanto me honra.

Fá-lo, pela sua extrema gentileza e pela certeza de que, professando eu a religião de que sua excelência é ministro, faria, melhor, repetiria, a palestra acerca deste templo com o respeito de expressão devido ao local, contando justa e antecipadamente com a respeitosa atitude de VV. Ex.<sup>as</sup>, pelo que não foi retirado o Santíssimo; razão porque o exame do bellissimo sacrário, deve ser feito com o devido acatamento e respeito. Por tudo, senhor Prior, a vossa amabilidade e a vossa confiança, muito obrigado em meu nome e no de todos os visitantes de hoje.

Hesitei entre o repetir ou não, a palestra feita nas duas visitas anteriores, pois os Amigos de Lisboa já aqui estiveram em 6 de Julho de 1941 e em 7 de Julho de 1944, sempre guiados por mim. Porque grande parte do que então disse, foi colhido, na tradição oral de coevos ou investigações próprias, até no próprio arquivo da Irmandade, resolvi reler a VV. Ex.<sup>as</sup> o que então disse, mesmo porque, creio que, quem teve ensejo de me ouvir então, até por expressão de bom gosto, não voltou decerto hoje. E assim, não é repetição senão para mim, a que acrescentarei, porém, alguns pormenores entretanto adquiridos.

No final da visita ao templo e à cerca onde está a estação ele-

vatória das águas, visitaremos, extraprograma, a Ermida de Santo António do Vale, na Rua do Vale de Santo António, interessante pela sua história e curiosa pelos seus azulejos, alusivos à vida do nosso conterrâneo tão ilustre o Santo popular português.

De quando em quando, surge, aqui e além, um de nós a descobrir Lisboa, a nós próprios que aqui nascemos. É meritória, mas difícil a tarefa, porque é descobrir o que já estava descoberto, posto andasse esquecido, se visto tinha sido já.

Depois de pelos montes eu ter andado, Carmo, Santana, Monte Fragoso e Penha de França, descemos hoje quase até ao vale de Santa Apolónia, onde, em 1739, os Barbadinhos italianos se firmaram em casa própria, por generosa dádiva de D. João V. E cousa curiosa e notável, sempre a Mãe de Deus na evocação e orago das nossas visitas, que mesmo quando em Santana, senão é Ela é sua Mãe, cujo nome por sinal foi também o da minha, que Deus tenha em sua santa Glória.

Quem me diria, aí pelos fins de 1918, quando ainda quintanista, fui mobilizado para esta freguesia então etiquetada de Monte Pedral; em memória do General José Baptista da Silva Lopes — Barão de Monte Pedral, antigo Inspector do Arsenal do Exército, aqui vizinho e oficial ilustre nas Lutas Liberais na defesa das Linhas do Porto que nasceu em 1784 e faleceu em 1857; — a quando da letífera epidemia da pneumónica, que anos passados, voltaria a ser mobilizado e remobilizado agora pelos Amigos de Lisboa para servir de cicerone na visita de hoje ao Templo, Convento e cercanias onde está erecta a freguesia de Santa Engrácia de Lisboa.

Então, no alvorecer antecipado e compelido da minha vida profissional — percorria diariamente quase de topo a topo a área da freguesia, na tarefa de a todos prestar socorros e auxílios em nome de uma comissão adrede instituída pelo malogrado e saudoso presidente Dr. Sidónio Pais, de que actualmente só resto eu. O coronel Duarte Veiga, que então comandava Sapadores Mineiros, alojado na Cruz dos Quatro Caminhos, era o Presidente; eram vogais o então Vereador Abílio Frazão, farmacêutico, estabelecido na Rua do Vale de Santo António e depois na Rua da Cruz de Santa Apolónia e que então morava na Rua do Mirante à esquina da Calçada dos Cesteiros; e o ferroviário Ferraz, velho e honrado revolucionário do Cinco de Outubro, que presidia à Junta de Paróquia, de que também fazia parte o jornalista operário Fernandes Alves, que residia no Largo da Graça. Era no local subdelegado de saúde o Dr. Augusto Marques Cardoso, que na emergência perdeu um filho e que morava então no Largo fronteiro ao Jardim da Graça e que era natural desta freguesia, pois creio que nasceu cerca do local onde foi assinalado o nas-

cimento de Latino Coelho, no topo cimeiro da Rua do Vale de Santo António.

Trataram-se muitos doentes, verificaram-se muitos óbitos, nessa hecatombe mortífera, mas fez-se muita caridade, socorrendo-se com alimentos, roupas e colchoarias muitos lares. Salvaram-se por internamento em asilos muitos menores que ficaram na orfandade, davam-se medicamentos e até fatos.

À compita de bem fazer, sobretudo com oportunidade, pois tantas vezes a esmola, vale mais, pela ocasião em que se dá do que pelo seu valor, o comandante do Regimento, o farmacêutico, o vereador, a Junta e o médico, tudo fizeram sem alarde, norteados pelo exemplo, amparo e auxílio do Presidente da República, que tudo resolvia e a tudo atendia.

Permitam-me VV. Ex.<sup>as</sup> dois exemplos tipos: na Travessa das Flores, ao Campo de Santa Clara, atrás do Tribunal Militar, faleceu uma mulher viúva, com cinco ou mais filhos, não me recordo exactamente quantos, que durante a doença dormiam aqui e ali em casa dos vizinhos. Após o desenlace, havia que dar-lhes destino. Pensei no caso, que urgia. Declinava a tarde, tinha acabado o meu fadário que ia de Chelas à Quinta do Cocho e dos Arciprestes, lá para o alto do Varejão; abandonei o automóvel, que os bombeiros tinham posto ao meu serviço e meti-lhes dentro a rapaziada, e sem mais, acompanhados por um polícia, minha ordenança, mandei-os entregar no Palácio de Belém, expondo a razão. Ficaram lá e foram todos internados. Nem eu sei onde estão, nem quem eram; nem eles quem para lá os mandou. Salvaram-se, era o necessário.

Visitámos uma quinta na baixa entre a Graça, a Penha e o Alto de São João, onde o preço da consulta era a obrigação do chão esfregado recentemente, e encontrámos um homem já grisalho deitado no chão dum compartimento vazio e coberto com sacas. Eu fora lá levado para ver um pequeno doente e inquiri a razão do aleitamento do velho. Confidenciou-me que o fazia por não ter qualquer vestuário, era avô e o último vestuário que usava, seus únicos e últimos haveres tinham sido empenhados para sustentar os netos. O regimento forneceu o fato, a Junta os alimentos; o rapaz tratou-se e curou-se e o velho, depois de vestido e em pé, serviu-me de muito, pois era pedreiro e saneou-me o bairro, caiando por conta da comissão os respectivos compartimentos; pois o senhorio não o queria fazer, sem encargo para os pobres inquilinos.

Montou-se uma cozinha para dietas, que supria uma falta, visto que a Sopa vulgarmente chamada do Sidónio não servia na emergência, e mobilizou-se uma leitaria no Largo da Graça, imobilizando-lhe, exclusivamente para os pobres doentes, o respectivo comodo, assim se chama a um fornecimento completo de leite. Ditadura por bem e para bem, como desejos de Bem servir e bem cumprir.

Mas, não é, para recordar quando e como comecei a ser médico que aqui vim hoje. Referência incidental, por ser da história local e nesta área vivida.

Hoje o que vamos ver? Só evocar o anterior ao sismo grande que quase tudo fez ruir? Não, algo há aqui anterior a tal e um sobrevivente é o grande crucifixo que além está no altar-mor. Grande e belo com bem lançada imagem de Cristo. É caso de aproveitar o ensejo pelos que têm fé, de a seus pés lhe solicitar que permita que nós e a nossa Pátria nos salvemos do sismo enorme que ameaça assolar o mundo, mercê da insânia dos homens, como ele permitiu que a sua imagem, do cataclismo de 1755, viesse incólume até nós. Assim seja.

Hoje a visita não é para grandes olhadelas de visualidades arquitectónicas ou para profundas evocações históricas. É de concentração na obra maravilhosa de madeira, despida de dourados dos altares e sobretudo do altar-mor com o seu rico sacrário lindo e belo, nos seus baixos relevos em espinheiro, teca e ébano; representando a Ceia, o Agnus Dei a descida da Cruz e a Ressurreição tratados com esmero, amor e arte. Arte, sim e boa, a do lavrante que com buril afamado, manejado por mão iluminada o enquadrou no próprio altar, todo ele belo, de pau santo e espinheiro com colunas laterais e dois nichos com S. Francisco e Santo António, barbadinho segundo a iconografia da Ordem. No altar as imagens de Santa Engrácia e de Santo António vestido de menino do côro, como outro que existe e já vos mostrei na Basílica dos Mártires. Este magnífico sacrário deslocou-se em 1895 à exposição de Arte Sacra em Lisboa, comemorativa do Centenário de Santo António.

Outra imagem singular, é a que se vê no altar à esquerda, junto ao arco do cruzeiro, o Menino Jesus com a representação externa do coração, como nas imagens actuais do Coração de Jesus. Em todos os altares, pau santo trabalhado enquadrando telas místicas, e mercê do bom senso e bom gosto do amável e ilustrado actual prior, na última renovação, os castiçais das banquetas e altares laterais obedeceram ao mesmo estilo, material e cor. Bem haja.

Tem a Igreja dois altares de cada lado, sendo à direita Santo Cristo da Via Sacra ladeado por S. Sebastião e S. Miguel das Almas. É o primeiro a seguir ao Altar-Mor. É altar privilegiado e tem Irmandade própria. A seguir Nossa Senhora das Dores e Cristo crucificado ladeado por um busto com relíquia de S. Francisco de Borja e Santa Luzia. Depois o Baptistério, adaptação posterior, desde que a igreja é paróquia e onde estão dois oratórios particulares com imagens de S. José, Santo António e Nossa Senhora da Graça, vindos, ao que se diz, de um palácio local. Lá vemos um quadro de madeira pintada, que diz:

«Este altar de Nossa S.<sup>ra</sup> das Miziricordias he Privelêgiado, segundas — quintas e sabados de todo o ano e todo, o oitavário dos santos».

A esquerda também começando de cima S. José e Nossa Senhora da Conceição ladeado por Santa Terezinha do Menino Jesus e o Menino Jesus com a figuração externa do coração em que já lhes falei; a seguir Nossa Senhora da Esperança ladeada por Nossa Senhora da Paz e Nossa Senhora das Dores. Hoje é este altar consagrado ao Coração de Jesus. Na capela fronteira ao baptistério vemos as imagens de Santa Margarida de Cortona, ladeada por S. Pedro de Alcântara, vinda de uma Ermida local hoje desaparecida e São Macário em barro possivelmente de autoria de Machado de Castro, aqui residente na área, como se sabe e refere. Neste altar existe um Ex-voto a S. Pedro de Alcântara por um mal de olhos que diz:

«Me<sup>ce</sup> Que fez S<sup>po</sup> S ..... o de Alc<sup>tra</sup> a Huma Sua Devota que Estãdo m<sup>to</sup> molestada de huma çueicha dos olhos e Por entercessão da D<sup>o</sup> S. S<sup>to</sup> teve milagrosas milhoras. Era de 1751».

A esquerda entre os altares o púlpito e fronteiro a este uma mísula enorme onde está o busto de prata com a relíquia de Santa Engrácia, dele falaremos com vagar oportunamente.

Por baixo da mísula a imagem do Senhor dos Passos. Dum e doutro lado do arco do cruzeiro temos altares modernos e nichos antigos. À direita, no nicho S. Lourenço de Abrundisio e no altar Santa Rita de Cássia, S. Nuno de Santa Maria e Santa Filomena. À esquerda no nicho S. Felix de Cantalicio e no altar Nossa Senhora de Fátima e Santa Teresinha. A propósito destas imagens de São Lourenço de Brindes ou de Abrundisio e de S. Felix de Cantalicio, bem como sobre a mísula onde está o busto de Santa Engrácia, direi a VV. Ex.<sup>as</sup> que o meu confrade Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel Santos Stevens, no segundo volume da «Lisboa e seu termo» editado em 1948 pela douta Associação dos Arqueólogos Portugueses, refere ter encontrado no cartório da Casa Real, hoje integrado no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, documentos comprovativos de terem sido essas obras feitas por ordem e a expensas do Real Bolsinho de Sua Majestade a Rainha D. Maria I.

A imagem de S. Lourenço, que foi fundador da ordem e veio a Portugal em 1619, como embaixador extraordinário e neste Convento esteve alojado, importou em 1790 em 176\$650 réis, segundo recibo que Machado de Castro assinou, sendo incluído no custo 16\$800 do pintor e encarnador Teodoro da Fonseca e 19\$200 do custo da peanha, cúpula, supedâneo e remates entalhados. Esta é a mísula onde está

actualmente o busto de Santa Engrácia. A madeira custou 5\$000 e o artista levou 62\$000 e era Machado de Castro! Aventa o mesmo Sr. Estevens ser a imagem de S. Felix do mesmo autor ou da sua oficina e escola.

Estes santos — italianos — como os habitantes do Convento, são de relativamente recente canonização; Santa Margarida de Cortona foi canonizada em 26 de Maio de 1728. S. Fiel de Sigmarigen foi beatificado em 1729, ano em que também Bento XIII beatificou Soror Maria de Jesus do Convento de Agreda, autora da Mística Cidade de Deus, como o refere Manuel Faria e Sousa na sua História de 1730.

Disse há pouco, que cheio de bom senso e bom gosto era o actual Pároco, nosso ilustrado consócio. Foram sempre notáveis pela sua cultura os Párocos daqui e entre todos é mister destacar Monsenhor Elviro dos Santos, desembargador da Cúria Patriarcal e ilustrado arqueólogo, a quem muito devem as investigações locais e o bem-estar dos seus colegas no sacerdócio, pelo zelo e operosidade com que agiu sempre na administração do Monte Pio do Clero secular, albergado até há pouco num compartimento do edificio do Amparo, à Mouraria; também em parte, em risco de ser sacrificado às actuais demolições locais.

É obra desse pároco a transformação do altar-mor, cujo retábulo fez avançar, para nas traseiras construir o trono actual e transportou para a frente do altar o cadeiral do côro baixo, que era atrás do retábulo. A ele se devem as investigações sobre a origem e directo possuidor do busto de prata e bem assim a fixação da área desta freguesia. Era sabedor, trabalhador, mas verrinoso por pertinaz, conheci-o e que o diga o nosso culto consócio o bibliófilo Sr. Joaquim da Conceição Gomes de Abreu, meu amigo e cliente e nosso conterrâneo na área desta freguesia, aqui nado e criado, filho de um honrado comerciante local, que fez parte da Junta de Freguesia que procedeu às averiguações sobre o busto de prata que ides ver. Foi coevo do prior Elviro dos Santos o armador estabelecido na Rua do Mirante, cerca de, onde foi a antiga botica do Padre — um padre que era farmacêutico —, o Sr. Francisco Duarte Nogueira que foi também mesário da Irmandade. O tecto actual é restauro de 1896, feito por Baeta e representa, como se vê e as inscrições laterais atestam, a coroação de Santa Engrácia, que empunha a palma de mártirio e os cravos, e não a Conceição, como se refere nas Peregrinações. As inscrições dizem: à esquerda «Veni sponsa Christi accepi coronam» e a da direita «Qaam tibi Dominus preparam te in aeternan».

Reinava nestes reinos D. Pedro II, a quem Deus, decerto, perdoou já o que não nos parece bem da sua vida, quando os religiosos capuchinhos italianos em 1686 conseguiram licença para se congregarem em Lisboa, vindos de Florença, para se disporem às missões da con-

quista; viveram primeiro sob as ordens dum superior, na Ermida do Paraíso, sob a invocação de Nossa Senhora da Porciuncula, depois fundaram o hospital de Nossa Senhora dos Anjos, onde hoje é o Recolhimento de Lázaro Leitão e de 1720 e 1739, data da inauguração desta Casa, aqui se alojaram a expensas de D. João V, com frente à barra do Tejo e alojamento para 400 pessoas.

No adro, o actual terreiro fronteiro à Igreja, houve uma cruz de madeira com os martírios, que o tempo fez ruir, e a devoção do Padre Caetano fez renovar e que, segundo diz Gonzaga Pereira, contra a vontade de muita gente acabou em 1835. A capela-mor tinha um retábulo com um quadro que representava a Conceição e o Sacrário actual, com uma chapa de ouro, oferta do monarca generoso, com uma inscrição alusiva. Tinha a Igreja, como hoje, quatro capelas laterais e a mísula fronteira ao púlpito onde esteve a imagem do fundador B. Lourenço de Brundisi, que veio a Portugal como embaixador em 1619, como disse. As capelas à entrada do guarda-vento eram dedicadas a Santa Margarida, como hoje, a da esquerda e ao Nascimento a da direita.

Aqui foi frade o P. José Maria de Florença, que foi príncipe e morreu em Lisboa. Os quadros eram e são de autores italianos. O alçado da Igreja tem três arcos, grades notáveis e sobre o do meio um escudo joanino, elegante e exótico e por cima um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prociuncula, orago da Casa e é completado com janelas laterais além das do coro.

Para o lado do rio segue-se o Convento, onde por cima da porta de entrada para a portaria, hoje serventia do claustro e da residência paroquial, houve um baixo relevo com Nossa Senhora com Jesus nos braços. Norberto de Araújo, desta freguesia natural, na pressa de acompanhar o seu dilecto, colocou o Menino Jesus nos braços da imagem que encima a porta do templo. Se é certo que o baixo relevo já não está por cima da portaria, é também certo que o Menino nunca esteve nos braços da Virgem que encima o alçado da Igreja. Vicissitudes do tempo e da pressa, que nunca dá fortuna, sobretudo nos dizeres.

No claustro, hoje logradouro da residência paroquial, curiosa e elegante adaptação duma das dependências; há uma cisterna e havia um relógio de sol, numa das paredes laterais e uma pia de pedra, que se diz ter vindo da igreja de Santo André, adquirida por Monsenhor Elviro dos Santos no leilão da paroquial de Santo André. Nela recebeu, possivelmente, a água lustral o nosso conterrâneo S. João de Brito. A ser assim, merecia recato especial ou transferência condigna.

O imóvel do Convento é hoje propriedade particular em regime de aluguer. Em 1835 esteve nele instalado o primeiro batalhão da Guarda Nacional, sequênciã do batalhão dos artífices do Arsenal do

exército que creio se chamou o batalhão da batata. No número um da Rua do Alviela, para onde deita a fachada lateral do Convento morou em 1898 o falecido Prior Monsenhor Elviro dos Santos e no número 5 vivia ainda há pouco um antigo sacristão desta Igreja.

Na cidade havia outros Barbadinhos — os franceses — desde 1648 instalados na Esperança, onde ainda há uma travessa com o seu nome.

Ora agora, o busto de Santa Engrácia, a sua origem e os seus possuidores. Seguiremos as investigações do velho pároco, quando em 1898 publicou o seu folheto ilustrado «Busto de prata de Santa Engrácia». O busto que VV. Ex.<sup>as</sup> vêem e que em 1940 foi deslocado à exposição de arte em Coimbra, é obra de mérito, em prata e esmalte. Foi mandado fazer em 1595 por D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa e testamenteiro da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, que para tal deixou trezentos ducados. Esta Infanta foi a fundadora desta freguesia, por desanexação da de Santo Estêvão, cerca de 1568, e da sua primeira instalação em Santa Clara; tendo até, ao que se diz, residido numas casas cerca da mesma igreja, onde creio que veio a falecer.

Nasceu a Senhora Infanta em 8 de Junho de 1521, em Lisboa, filha de D. Manuel I e de sua terceira mulher D. Leonor, filha de Filipe I de Espanha; e faleceu em Lisboa em 10 de Junho de 1577 e jaz na Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Carnide, também fundação sua.

Santa Engrácia foi virgem mártir, filha de um príncipe lusitano, sacrificada em 16 de Abril de 306 por Daciano, em Saragoça, sua terra natal, onde jaz em igreja à saída da cidade, como esta freguesia foi também na sua primitiva, e de lá mandou a Infanta vir as relíquias que o busto encerra.

Depois de variadíssimas peripécias em que entraram o Conde de Bretiandos e D. José Cunha Lorena pela Irmandade, D. João de Alarcão como Governador Civil, os advogados Drs. Ribeiro Coelho, Martins de Carvalho e Ferreira Matos pelo Prior e Domingos Pinto Coelho pela Irmandade, interveio o Cardeal Patriarca D. José III e o busto continuou desde Abril de 1897 a estar exposto dentro de uma maquina de ferro com três chaves no antigo altar de Nossa Senhora do Livramento ou depósito e antes de S. José. O processo arrastou-se até que em 1915 no Arquivo dos Feitos Findos alojado no Convento da Estrela foi encontrado documento autêntico — Livro da Receita da Herança da Infanta D. Maria — e nele Gomes de Brito encontrou um assento, num documento em que se diz ter o busto sido entregue a Álvaro Ferreira, tesoureiro, que o entregou ao Prior de Santa Engrácia em 2 de Setembro de 1595. Nesse assento se diz ter o busto 23 marcos e 7 onças no valor de 62.705 réis e o valor total de 120 mil réis; isto

mesmo se publicou em folha solta para anexar ao folheto publicado em 1898.

As alegações do advogado Pinto Coelho também foram publicadas.

Em 19 de Maio de 1897 o Vice-Presidente da douta Associação dos Arqueólogos Portugueses, acompanhado pelo Visconde da Torre da Murta, seguido do Secretário Rocha Dias, visitaram este templo, por convite expresso do Prior, tendo apreciado condignamente o busto então novamente exposto.

Foi enorme a área primitiva desta freguesia que tinha então mais de 4.000 fregueses. O padre Carvalho da Costa assinala, em 1712 como pertencendo-lhe: a Rua Direita do Paraíso, Calçada do Forte, a Praia, Cais do Carvão, Calçada de Santa Clara, Rua de Trás da Igreja Nova, Travessa do Paraíso, Travessa do Zagal, Travessa do Meio, Rua do Cascão, a Fundição, o Postigo do Arcebispo, a Frontaria do Campo de Santa Clara, Vila Galega, Travessa das Freiras, Beco do Vidro, junto à Horta da Cera, Travessa do Manuel António, Travessa do Conde de Avintes, Travessa dos Mouros, Beco Francisco Luís, Travessa dos Arciprestes, Rua da Verónica, Bica do Çapato (sic), Praia de Santa Apolónia até ao Grilo, Rua de Trás de S. Francisco, Casas Novas, Vale de Chelas, Cruzeiro, Fonte do Louro, Rol, Fró, Caminho da Penha de França e Adro da Graça.

Tinha na sua área a Ermida do Paraíso, o Colégio dos Padres da Companhia, actual Hospital de Marinha, a Ermida de S. Francisco Xavier e a de S. Pedro de Alcântara, hoje demolidas, o Mosteiro de Santos, o novo, o das trezentas e sessenta e cinco janelas, o Mosteiro da Madre de Deus, o Convento de Jesus em Xabregas, Nossa Senhora do Rosário da Restauração, junto ao Grilo, fundado por Gastão Coutinho, um dos quarenta conjurados de 1640, o Mosteiro de Santa Clara e este Convento dos Barbadinhos.

Em 1900 ainda o Prior Monsenhor Elviro dos Santos discutia a área da sua freguesia com o Prior de S. Bartolomeu ao Beato, freguesia que quando instalada na sua nova sede, em 1750, lhe cerceou a área. Já anteriormente os antecessores deste pároco, discutiam com os padres de S. Vicente a posse jurídica da cerca e campo anexo ao Mosteiro. Hoje, tudo vive em paz, com área fixa e bem delimitada.

Com a extinção dos Conventos em 1834, os frades foram autorizados a ficar no Convento usando nele o seu hábito e fora o de S. Pedro. Não aceitaram e foram para Itália, ficando um padre e um leigo a tratarem da Casa. Em 5 de Abril de 1835, veio para aqui a freguesia em luzida procissão com andores, imagens e o pário com o Santíssimo Sacramento. Algumas dessas imagens vêem-se ainda numa vitrine ao lado da Sacristia.

Aqui pontificaram entre outros o Prior Gusmão — Padre António Feliciano da Silveira Gusmão — que durante a revolta da Maria da Fonte guardou em sua casa o busto de prata; o desembargador José Joaquim Pereira, que morou nesta Calçada, um pouco acima da Igreja; o padre Abreu; Monsenhor Elviro dos Santos; o padre Rafael Saraiva, actual prior da Freguesia dos Anjos e o actual pároco, que foi coadjutor nos Anjos quando prior Monsenhor Conégo Dr. Pereira dos Reis, actual Reitor do Seminário dos Olivais, além dos Priores Luís da Costa de Barbedos que em 1758 escreveu as notas para o «Dicionário Geográfico de Portugal», manuscrito existente na Torre do Tombo; e de Prior Tomás Caselo em 1771 e outros.

Alguns móveis e quadros vieram de Santa Marta. Aqui, neste Convento, houve notáveis relíquias de Santos, entre elas, ao que se diz, o esqueleto completo de S. Modesto, oferta de um Papa. Sobre este esqueleto de S. Modesto afirmam coevos tê-lo visto num altar, envolvido por uma imagem feita em cartão pintado, no tempo do Prior Monsenhor Elviro dos Santos. Está actualmente retirado do culto, num depósito da Igreja atrás do Altar Mor. Teve também este Convento uma série de relicários em forma de braços e mãos com ossos e outras relíquias de Santos.

João Baptista de Castro, no seu Mapa de 1747 refere mais as seguintes relíquias: o corpo de S. Celestino Mártir, vindo da Ermida de S. Pedro de Alcântara e trazido de Roma por oferta de Gaspar de Abreu de Freitas; no Altar Mor refere também a existência do corpo de S. Benigno, dádiva do Nuncio Cavalieri, e na Sacristia a cabeça inteira, com todos os seus dentes, do glorioso e invicto mártir S. Máximo.

Gonzaga Pereira refere haver uma chapa de cobre, gravura de Bartolozzi sobre desenho de Sequeira representando S. Félix de Cantalicio. Há também chapas de Silva e Quinto; assim no-lo refere Ernesto Soares no seu Dicionário de gravadores.

A propósito do desacato há uma medalha-insígnia dos irmãos da Confraria do Sant.<sup>mo</sup> Sacramento, datada de 1630. Aqui têm VV. Ex.<sup>as</sup>, em breve esboço o que mais importa saber, para bem ver o que resta do Convento dos Barbadinhos Italianos que deram o nome à Calçada e onde está erecta a freguesia de Santa Engrácia, vinda depois do desacato, que me abstenho de descrever, por Sidónio Miguel, tão bem nos ter descrito já no seu «Campo de Santa Clara». A freguesia foi junto ao Mosteiro do mesmo nome, que era em Santa Clara, cerca onde hoje são as chamadas «obras de Santa Engrácia», sendo as freiras muito ricas e senhoras da Vila de Penela e Sarilhos da banda de além.

(Continua)

# REGULAMENTO

do

## Prémio Municipal Júlio César Machado

*A Câmara Municipal de Lisboa, acaba de instituir mais um Prémio de carácter lisiponense, a que deu o título de «Júlio César Machado», prestando assim homenagem ao grande folhetinista a quem a capital deve uma série de belíssimas páginas onde a vida alfacinha do século passado ficou admiravelmente reproduzida... Publicamos a seguir o Regulamento do referido Prémio, iniciativa que merece o aplauso incondicional de todos os olisiphógrafos e jornalistas:*

Artigo 1.º — O prémio municipal Júlio César Machado, da importância de 2.500\$00, que será conferido anualmente e entregue com o respectivo diploma no dia 25 de Outubro, em sessão solene, destina-se a galardoar o autor do melhor artigo, inserto em publicações periódicas nacionais, que sobre qualquer aspecto de Lisboa apresente ideias e forma dignas de apreço especial.

Art. 2.º — Os concorrentes entregarão na Repartição dos Serviços Culturais, até 31 de Dezembro de cada ano, os seus pedidos de admissão, acompanhados de cinco exemplares da publicação periódica em que o artigo foi inserto, podendo, todavia, para os que residam fora de Lisboa ser aquele prazo prorrogado até 15 de Janeiro seguinte.

Art. 3.º — O júri, constituído por um vereador, que servirá de presidente, pelo Director dos Serviços Centrais e Culturais e por três escritores ou jornalistas, sendo um destes representantes do respectivo sindicato nacional, apreciará até ao dia 30 de Junho os artigos apresentados, e formulará em relatório o seu parecer, que será assinado por todos os seus membros e homologado pelo Presidente da Câmara.

Art. 4.º — O prémio municipal Júlio César Machado é individual e poderá não ser adjudicado quando o júri entender que nenhum dos artigos submetidos à sua apreciação está nas condições de o merecer.

Paços do Concelho de Lisboa, em 11 de Junho de 1951.

O Vice-Presidente,  
(a) *Luis Pastor de Macedo*

# FEIRA DA LADRA

## A PRIMEIRA ANEDOTA DA CIDADE DE LISBOA

A mais antiga anedota de Lisboa, com verniz histórico, é a da fundação lendária. Ulisses, «o herói famoso pela sua prudência, que depois de ter destruído as muralhas sagradas de Tróia, levou a toda a parte seus passos errantes, percorrendo cidades de muitos povos, de cujos costumes se inteirou», como dele proclama a Odisseia, passou por aqui e decidiu fundar uma povoação. «Perseguiu-o Neptuno com ódio implacável, até ao momento em que o herói recolheu aos pátrios lares». Com estas palavras do poema queria explicar-se que, de uma das suas fugas à travessura do Rei dos mares, buscou refúgio na enseada amena do Tejo; e aí o imagináramos a olhar para o alto dos montes à beira do rio, até escolher o que melhor jeito lhe desse para a sua cidade.

Désiré Denuit classificou-o «o mais finório dos Gregos» (La Route des Caravelles, 1939). E tão fino foi que da hipotética e anedótica Olisipo e Ulisipo saiu esta esplêndida e maravilhosa cidade de Lisboa, realíssima Cidade. Quem o diria a esse Solino da Collectanea rerum mirabilium, a Marciano de Heracleia do Periplus Mari Exteri, e a outros clássicos, até ao nosso André de Resende das Antiquitatibus Lusitaniae?

Quem lhes diria que, da imaginária Cidade de Ulisses, surgiria a famosa Lisboa, começo e termo das estradas marítimas das caravelas? Que inveja fariam essas viagens ao herói grego, que se limitou a andar largo tempo aí pelas costas mediterrânicas da Etiópia, ou melhor das duas Etiópias, separadas pelo Nilo, terras aonde o Sol desce e de onde se levanta para a abóbada celeste!

Luís Chaves

## O PADRE CARVALHO DA COSTA

TODOS os olisipógrafos conhecem a Corografia Portuguesa do Padre António Carvalho da Costa; mas o que nem todos saberão é quem era e como era, o paciente informador da curiosidade da história alfacinha. Pois vou apresentá-lo.

O Padre Carvalho da Costa, nasceu em Lisboa no dia 21 de Abril de 1650, e foi baptizado na freguesia da Madalena a 3 de Maio do mesmo ano. Era filho de António de Carvalho e de sua mulher Ana da Costa, e descendia por parte de seu pai das famílias Valdez, de Guimarães, e Cordovil, de Lisboa. Fora seu terceiro avô o Provedor dos Contos Domingos de Sousa Cordovil, tudo gente limpa, como se dizia então.

O autor da falaciosa Corografia Por-

tuguesa, teve uma irmã que casou com o morgado António da Cunha Ribeiro, cavaleiro de Cristo. Chamava-se Maria da Costa. O Padre Carvalho da Costa, nascera defeituoso. Era corcunda e ainda por cima coxeava de uma perna. Nada disto o impediu de fazer longas caminhadas pelo passado e de desbravar muitos caminhos escusos nos matagais da história. Morreu com 65 anos cumpridos, em 27 de Novembro de 1715.

M. S.

### MARCHA FÚNEBRE...

**O**S cegos! O drama pungente e impressionante dos cegos! O espectáculo dos músicos cegos, deambulando ou estacionando nas ruas da nossa capital!

Seu trágico pitoresco mudou nitidamente de expressão no curso dum século. Em 1857 (Nogueira da Silva, «Costumes portugueses», in Arquivo Pitoresco, Vol. I, pág. 129), o cego tocava apenas a rabeca. Acompanhava-o à viola, — um violão quase do tamanho dele, um garoto de 8 a 10 anos, enquanto outro pequerrucho de 4 pedia esmola. Hoje, a cidade enorme, espreguiçando os braços em novos bairros desde a Avenida do Aeroporto a Alvalade, Berna, Sete Moinhos, Alcântara, Ajuda, Belém, não se prevalece de poucas unidades a sugerirem o comentário impar, inútil, dum articulista qualquer, num periódico qualquer. Hoje a coisa, havendo tomado foros de cidade, à luz do sol e à vista dos homens, multiplicou-se, variou o aspecto, tornou-se cáustica e, — porque não dizê-lo? —, compunge no seu contraste violento com a urbe em franco progresso, sàbiamente administrada por

uma municipalidade trabalhadora e digna, a todos os títulos, dos maiores elogios.

Mas o cego insiste com a sua presença desgraçada, — cartaz impossível, duma incúria inexplicável na cidade em plena florescência. O cego do violino, de Nogueira da Silva, o cego de há um século, existe ainda, naturalmente. Mas o garoto da viola, o pequerrucho da pedincha, desapareceram. Foram substituídos por uma caixa negra, um paralelogramo pintado de negro, onde se destacam vivamente, a branco, as letras A L B (Associação Luís Braille?). A coisa, repito, tomou foros de cidade, sistematizou-se, e o sistema creio haver ganho posição oficializada.

Meu Deus! E o cego do saxofone, gemendo melodias, seccionadas por hiatos do seu fôlego cansado? E aquele que eu vejo, há longos meses, sem instrumento, sem caixa com as letras A L B, clàssicamente postado na mesma rua de Lisboa com o braço esquerdo curvado junto ao peito, a mão imóvel, em forma de concha, num silêncio, numa posição mortal?! E aqueles gemedores de fados, e os grupos de cegas do «harmonium», tangendo canções exaustivas, que mordem o fundo da nossa alma, como que tornando-a responsável por esta tamanha incúria duma sociedade a caminho de destinos mais civilizados?

Quando será possível reunir forças capazes de suprimir das ruas de Lisboa a vergonha dos desgraçados cegos a pedir?

L. M.

### O ALFAIATE STRAUSS

**S**TRAUSS não é apenas o nome célebre duma família de compositores musicais vienenses. Tem também —

e à margem daquela família — um vínculo na crónica alfacinha dos fins do oitocentismo.

Existia então no Chiado — sala íntima da Lisboa daquela época — um alfaiate de apelido Strauss, citado por Tinop como fornecedor de Ramalho Ortigão, a propósito de certo episódio sucedido com o escritor por ocasião do centenário de Camões em 1880.

A pequena história que se vai contar é dada por autêntica pela pessoa — já desaparecida — de quem a ouvimos e a citação de Tinop é uma garantia de que existiu realmente o alfaiate Strauss, no Chiado, ao tempo (no dizer de Castilho) a primeira rua de Lisboa, pelo trânsito, pelo esplendor das lojas, pela qualidade dos seus frequentadores.

Um dia o nosso protagonista foi convidado para uma festa particular, um serão tão em voga na época. A dona da casa fazia as apresentações. Chega a altura de ser apresentado a uma senhora:

— Dê-me licença, minha boa amiga, que lhe apresente o sr. Strauss.

Esta, ao ouvir um nome tão seu conhecido, e convencida de que estava diante do grande maestro compositor, assesta o «lorgnon» e pergunta com o melhor dos sorrisos:

— V. Ex.<sup>a</sup> é que é o Strauss das valsas?

— Não, minha senhora, sou o Strauss das calças!!!

H. R.

## COMO SE REDUZEM OS DESASTRES POR AUTOMÓVEIS

**A**LÉM das precauções relativas a velocidade e outras em uso entre nós, das vantagens dos espelhos em

cruzamentos de ruas, como vi em Oslo e Buenos Aires, existe a precaução a tomar contra as pessoas que conduzam automóveis encontrando-se em estado de embriaguez, ainda que apenas parcial.

Nos países escandinavos, onde por exigência do clima bebem muito, e onde quase toda a gente conduz automóvel, esta é a primeira precaução a tomar.

É expressamente proibido dirigir um automóvel quem tenha bebido álcool por pouco que seja, e a penalidade é tão grave — a apreensão da carta de condutor — que ninguém se atreve a fazê-lo. Todos os membros de uma família aprendem a guiar de modo que, quando são convidados para festas, há sempre um que se sacrifica, não bebendo, para poder conduzir no regresso a família para casa. Muitas vezes observei isto em jantares em que tomei parte.

É coisa sabida que o álcool apenas ingerido afecta imediatamente o sangue, de modo que, apenas se dá um desastre, a pessoa que conduzia é imediatamente levada à esquadra ou posto mais próximo onde lhe é logo retirado sangue para análise. Se é encontrado mais de 5 % de álcool — que é o que apresenta quem tenha bebido mais de meia garrafa das pequenas de cerveja — é um condutor de automóvel a menos, e esta circunstância pesa fortemente no processo que se segue para investigação da responsabilidade e das idemnizações a pagar.

Não se poderia usar do mesmo processo entre nós?

A. Ferreira d'Almeida

## À MANEIRA DE ANEDOTA

**E**MBORA não seja coisa positivamente lisboeta, vai esta espécie de anedota em que se trata de Lisboa e do

Porto, visto o caso ter por intérpretes um Lisboaeta e um Portuense.

Quando meu estremecido e falecido Pai — Henrique Marques — em 1890, foi ao Porto representar o desaparecido António Maria Pereira — muito nosso amigo na Agência da REVISTA ILLUSTRADA, na Rua de Sá da Bandeira, 217, 1.º, precisou de mandar consertar uns óculos e para isso dirigiu-se a um oculista. Passados dias, meu Pai foi buscá-los; como, porém, não estavam a seu jeito, meu Pai fez-lhe qualquer observação de que o homem não gostou, replicando:

— Bem se vê que o senhor é alfacinha!

A essa réplica meu Pai redarguiu-lhe:

— Sim, senhor, sou alfacinha, com muita honra, mas o senhor não imagina com eu gosto de tripas!

O homem embatucou, visto que ainda nesse tempo, o Portuense não gostava que lhe chamassem tripeiro, que, afinal, é uma honra para eles, pois na época dos descobrimentos, no reinado de D. João I, a fim de abastecer a marinha que se organizava para uma das mais aguerridas expedições do referido soberano, os Portuenses meteram a bordo toda a carne de gado bovino existente na cidade e nos arredores e aproveitaram para seu alimento os miúdos (tripas) de que fizeram um prato que até agora tem gozado de excelente fama.

Algés de Cima, 20 de Setembro de 1951.

Henrique Marques Júnior

## OS GUARDA-FATOS

ERAM assim designados uns indivíduos, «aprovados pela Câmara», que tinham a seu cargo a guarda de

fatos e de cavalgadas dos fazendeiros que vinham do termo de Lisboa com fruta e outros comestíveis e que, uma vez libertos de empecilhos, podiam andar pela cidade e «acudir a seus negócios».

Pela ordenação de 28 de Janeiro de 1634, data em que tal prestação de serviço era considerada de antigo uso, foi fixada em três cruzados por ano a licença a pagar pelos «guarda-fatos», e as taxas de cobrança, aprovadas em 6 de Novembro de 1621, eram uniformemente de um real e meio:

Por cada carga,

» » besta carregada ou descarregada ou

» qualquer outra coisa distinta.

Aos que excedessem esta tabela seria aplicada a pena de três dias de cadeia e o pagamento de dois mil réis, revertendo metade para o denunciante; e em 7 de Agosto de 1697, quando chegou ao conhecimento da Vereação a falta de respeito por aquela tabela, as penas de prisão e pecuniária já eram acompanhadas de açoites.

Pelo Assento da Vereação de 23 de Setembro de 1755, aquela taxa foi elevada para dez réis, quando se tratasse de «besta com sua carga»; e para cinco réis, quando fosse «outra qualquer coisa».

Estes «guarda-fatos» estavam estabelecidos «no Terreiro do Paço, da parte da Alfândega e junto ao mar» e em outras partes da cidade.

Sob o ponto de vista genealógico, não será ousado concluir que os «bengaleiros» de hoje, que nem sequer já têm bengalas para guardar, descendem em linha recta dos «guarda-fatos», que não só guardavam vestuário como cavalgadas...

M. C.

## ÍNDICE DO 14.º VOLUME — 1951

	Pág.
A BEMPOSTA, O PAÇO DA RAINHA, por <i>Luís Moita</i> .....	145
A INSCRIÇÃO TUMULAR DO BISPO D. FERNANDO DE MIRANDA, por <i>J. M. Cordeiro de Sousa</i> .....	4
A PALMATÓRIA DE D. ROQUE, por <i>Hugo Raposo</i> .....	104
À MEMÓRIA DO CONSÓCIO PROF. DOUTOR PEDRO ROBERTO CHAVES (1887-1915), pelo <i>Dr. Raul de Carvalho</i> .....	156
ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO DE 1950 .....	95
ALFAMA E O PATRIMÓNIO DE PITORESCO .....	101
AS ORIGENS DA IGREJA DE S. LUÍS, REI DE FRANÇA, por <i>Matos Sequeira</i> .....	139
BAILES NA CORTE DE D. MANUEL I, por <i>Mário Costa</i> .....	119
BREVE HISTÓRIA DO HOSPITAL MILITAR DE CAMPOLIDE, pelo <i>Major Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva</i> .....	69
ESTA LISBOA DAS SETE COLINAS..., por <i>Ferreira de Andrade</i> .....	73
FEIRA DA LADRA .....	171
GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» — Assembleia Geral de 1951 — Relatórios .....	90
HOMENAGEM AO PRESIDENTE DOS «AMIGOS DE LISBOA» .....	3
LISBOA, «QUE NO MUNDO FÁCILMENTE DAS OUTRAS ÉS PRINCESA», por <i>Luís Teixeira</i> .....	19
MARECHAL ÓSCAR CARMONA .....	99

	Pág.
NOTA ACERCA DA IGREJA «DO COLEGINHO», por <i>J. M. Cordeiro e Sousa</i> .....	67
NOTÍCIA DA PROVENIÊNCIA DA MAIS VOLUMOSA PEÇA DA BAIXELA GERMAIN, por <i>J. M. Cordeiro e Sousa</i> .....	142
O CONVENTO DOS BARBADINHOS ITALIANOS, pelo <i>Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves</i> .....	160
O FORTE DE S. PAULO OU DA TENÊNCIA EM 1793, por <i>Durval Pires de Lima</i> .....	12
O PALÁCIO DO CONDE DE ÓBIDOS E A CRUZ VERMELHA PORTUGUESA, pelo <i>Coronel Carlos de Carvalho</i> .....	23
REGULAMENTO DO PRÉMIO MUNICIPAL JÚLIO CÉSAR MACHADO	170
S. CARLOS, FIM DE SÉCULO, por <i>Sidónio Miguel</i> —Págs. 33, 80 e	130
UM CRIME À PORTA DA ALFOFA, por <i>J. M. Cordeiro e Sousa</i> ...	107
VIEIRA DA SILVA, fotografia .....	52
VIEIRA DA SILVA, por <i>Matos Sequeira</i> .....	53
RECORDANDO, por <i>Julieta Ferrão</i> .....	55
NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE O ENG. VIEIRA DA SILVA, por <i>Hugo Raposo</i> .....	57
VIEIRA DA SILVA, por <i>Norberto de Araújo</i> .....	64
VIELA DA MADRAGOA, por <i>Cacilda Celso</i> .....	129
WILHELM CHRISTIAN GOTTELF VON FELDNER, UMA PEDRA TUMULAR NO CEMITÉRIO ALEMÃO, por <i>Heinrich Katzenstein</i>	113

# OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

JOIAS ◊ OURO ◊ PRATA ◊ RELÓGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336  
Rua da Mouraria, 7-11 —————> LISBOA



## Camilo Castelo Branco

O mais apreciado e o mais português  
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras  
em 80 volumes

Conheça, Leia, Aprecie, Divulgue

## C A M I L O

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. teleg. PARCFPEREIRA

Telef. 20244 Teleg. PAPELCAR

*Papelaria*

## CARLOS

de Carlos Ferreira, L.da

34, RUA DO OURO, 38

———— LISBOA ————



Especialidade em livros para  
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL



Grande sortido de artigos para  
DESENHO E ESCRITÓRIO

TODOS OS PRODUTOS DA

## COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,  
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,  
para bem servir os fumadores

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA — EXCELENTE ESTRADA MARGINAL

Rápido serviço de comboios eléctricos—Clima excepcional durante todo o ano

**Todos os desportos:** Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.

**Estoril-Palácio-Hotel:** Moderno e elegante—Magnífica situação

**Hotel do Parque:** Todo o conforto—Anexo às termas.

**Monte Estoril-Hotel:** (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado

**Estoril-Termas:** Estabelecimento Hidromineral e Fisioterápico Análises Clínicas—Ginástica Médica—Maçagens.

**Tamariz:** Magníficas esplanadas sobre o mar, Restaurante-Bar.

PISCINA de água tépida—SALA DE ARMAS  
ESCOLA DE EQUITAÇÃO—STAND DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano  
Cinema—Concertos—Festas  
Dancing—Restaurante—Bars  
Jogos autorizados

Informações: Soc. Propaganda da Costa do Sol—ESTORIL

# ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES  
PROJECTOS DE ESTABILIDADE  
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313—LISBOA

— e —  
Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º

Telefone 2 6251—PORTO

# *Empresa Insulana de Navegação*

Sede — Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA

Telefones: 2 3271 / 2 / 3 — Telegramas: B E N S A Ú D E — LISBOA

CARREIRAS REGULARES ENTRE

LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Saídas em 23 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Corvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro, só para troca de correspondência e serviços de passageiros.

---

A G E N T E S

EM LISBOA

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Telef. 2 0214/15

Passagens

Rua Augusta, 152

Telef. 2 0216

NO PORTO

SOCIEDADE GERAL DE REPRESENTAÇÕES, L.<sup>DA</sup>

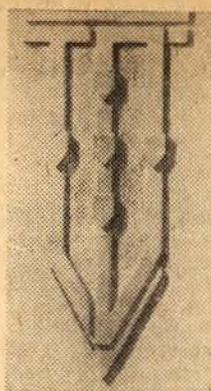
Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.<sup>o</sup>, L.<sup>da</sup>

Em S. Miguel

BENSAÚDE & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

CAPTAÇÕES  
DE AGUA  
SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES  
DE TODOS  
OS GÉNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

Empresa de Sondagens e Fundações  
TEIXEIRA DUARTE, L.<sup>DA</sup>

Rua da Betesga, 57, 3.º Esq.



LISBOA

# VINHO DO PORTO

« GRAHAM »

« Emperor »  
« Five Crowns »  
« Six Grapes »  
« Imperial Dry »

— «Tawny» Velhíssimo  
— Muito velho e sêco  
— «Vintage» Velho do casco  
— «Ruby» Leve



**GUILHERME GRAHAM JNR. & C.<sup>A</sup>**

Rua dos Fanqueiros, 7  
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6  
Porto Tel. 26961/2

*Distribuidores no Sul*

**JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA**

# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA  
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvária, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos  
ON PARLE FRANÇAIS      ENGLISH SPOKEN

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

# IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

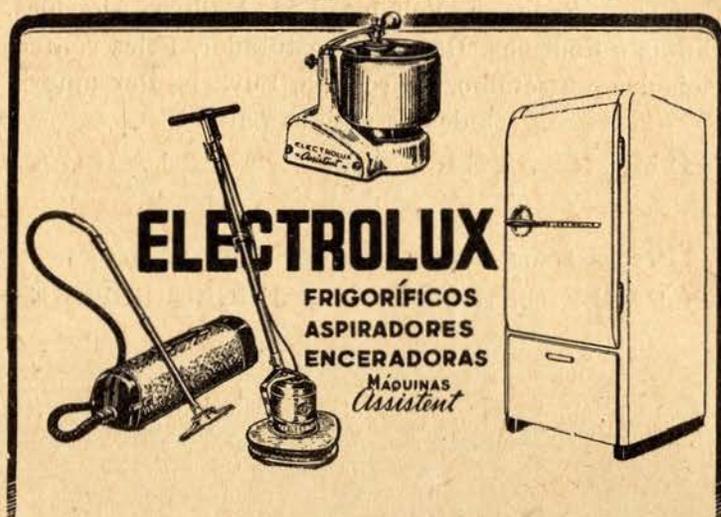
**COMPANHIA ALCOBIA**

Fornecedores dos melhores  
e mais lindos mobiliários

Cómodas de estilo — Porcelanas de Saxe — Espelhos de Veneza — Candeeiros de cristal, de ferro forjado e de madeira — Tapeçarias — Marquissettes e voiles suços  
Carpets de lã

**COMPANHIA ALCOBIA**

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capelo)  
TELEFONE 26441



**ELECTROLUX**

FRIGORÍFICOS  
ASPIRADORES  
ENCERADORAS

MÁQUINAS  
*Assistent*

Escolhe-se o melhor quando se escolhe um ELECTROLUX

*Electrolux, Limitada*

LISBOA

SEDE E EXPOSIÇÃO

R. Pascoal de Melo, 7

Telefs.: 48378 / 50516 / 54130

EXPOSIÇÃO

Av. da Liberdade, 141

Telefs.: 28246 / 32901

**VIDROS E CRISTAIS**

Especializada no fabrico de vidros para iluminação  
e de frascaria para perfumaria a laboratórios

**GAIVOTAS, L.<sup>DA</sup>**

FÁBRICA FUNDADA EM 1881

Rua das Gaivotas, 10 a 24

Telefone P. B. X. { 63176  
63177

# Sociedade Geral

de

## Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: Rua do Comércio, 39 Telefone: 30551

### FRÓTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL . . . . .	1.504 T.	n/m COLARES . . . . .	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA . . . . .	9.437 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA . . . . .	2.974 T.
n/v ALCOUTIM . . . . .	10.526 T.	n/m CORUCHE . . . . .	1.370 T.
n/m ALENQUER . . . . .	9.437 T.	n/v COSTEIRO . . . . .	900 T.
n/m ALEXANDRE SILVA . . . . .	3.110 T.	n/v COSTEIRO SEGUNDO . . . . .	490 T.
n/v ALFERRAREDE . . . . .	2.111 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO . . . . .	1.426 T.
n/p ALFREDO DA SILVA . . . . .	3.643 T.	n/m COVILHÃ . . . . .	1.376 T.
n/m ALMEIRIM . . . . .	9.437 T.	n/v CUNENE . . . . .	9.800 T.
n/v AMARANTE . . . . .	12.595 T.	n/v FOCA . . . . .	2.018 T.
n/m AMBRIZETE . . . . .	9.100 T.	n/v INHAMBANE . . . . .	9.619 T.
n/m ANDULO . . . . .	9.100 T.	n/v LUSO . . . . .	10.125 T.
n/m ANTONIO CARLOS . . . . .	2.974 T.	n/v MARIA AMÉLIA . . . . .	3.005 T.
n/m ARRAIOLOS . . . . .	9.437 T.	n/v MELLO . . . . .	6.253 T.
n/m BELAS . . . . .	7.110 T.	n/v MIRANDELA . . . . .	7.900 T.
n/m BORBA . . . . .	7.145 T.	n/m SÃO MACÁRIO . . . . .	1.221 T.
n/m BRAGA . . . . .	7.110 T.	n/v SAUDADES . . . . .	6.430 T.
n/m BRAGANÇA . . . . .	7.110 T.	n/v SILVA GOUVEIA . . . . .	1.363 T.
n/m CARTAXO . . . . .	1.376 T.	n/v ZÉ MANEL . . . . .	1.220 T.

#### REBOCADORES:

«ÁFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,  
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO», «SOURE»

#### LANCHAS A MOTOR:

«GAROTA», «BOLHÃO», «MAQUELA»,  
«CAROCHA»

34 Batelões (19 de 500 T., 13 de 400 T. e 2 de 250 T.)

24 Fragatas de (2.150 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m<sup>3</sup> cada

#### EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 3.600 T. e para 52 passageiros cada

2 rebocadores de 1.200 T. cada.

#### CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA  
ARGENTINA • CHILE • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA  
GROENLANDIA E COSTA DE PORTUGAL

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO  
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL  
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO  
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

# TOSSE ?

## HORAS CALMAS



COM

# BENZO-DIACOL